



**Universidade Federal de Sergipe
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Comunicação Social
Curso de Cinema e Audiovisual**

QUANDO A CHUVA PASSAR

O registro de um processo

Proposta de roteiro de curta-metragem ficcional

**São Cristóvão
2026**

Micael Bomfim dos Santos

Quando a chuva passar

O registro de um processo

Proposta de roteiro de curta-metragem ficcional

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Comunicação Social da Universidade
Federal de Sergipe, para a obtenção do título
de Bacharel em Cinema e Audiovisual, sob
a orientação da Prof. Dra. Ana Ângela
Farias Gomes.

São Cristóvão
2026

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Sergipe e ao Curso de Cinema e Audiovisual, espaço onde este trabalho foi gestado não apenas como produção acadêmica, mas como um processo de formação artística, humana e política.

À minha orientadora, Ana Ângela Farias Gomes, pela escuta atenta, pela sensibilidade diante do processo criativo e pela condução cuidadosa ao longo desta jornada de escrita, tornando o percurso mais possível, mais claro e mais potente.

Aos membros da banca, Victor Rosa e Fernando de Mendonça, pela leitura dedicada, pelas contribuições generosas e pelo diálogo que amplia os horizontes deste trabalho.

A todas as pessoas e equipes que fizeram parte do meu processo criativo ao longo dos laboratórios e formações que atravessaram a construção deste projeto, Labindi, LabQueer, NordesteLab e o Grupo de Desenvolvimento de Roteiro do Marieta. Cada troca, escuta e provocação foram fundamentais para que este projeto alcançasse o estágio em que hoje se encontra.

Agradeço também às equipes das rodadas de negócios para as quais este projeto foi selecionado, a Rodada de Negócios do Festival de Cinema de Marília, o TransforME e o 2º Fórum Audiovisual de Interiores da Bahia, cujas contribuições foram essenciais para ampliar minha compreensão sobre o funcionamento do mercado audiovisual no Brasil e sobre os caminhos possíveis para esta história.

A todas as pessoas envolvidas nas antologias *Tecido de Asfalto e Terra* (Editora Palavra Ferida), *A Palavra é Como Fogo* (Mostra de Literatura da 14ª Bienal da UNE), Prêmio Brasília e *Recortes da (R)existência*, promovida pelo LGBTQ+Spacey, bem como às experiências que possibilitaram pensar minha escrita em diálogo com outras mídias. Agradeço ainda às equipes do Concurso de Argumento de Longa-Metragem Vem de Sergipe Lab e do Roteiro e Narrativas, pelo retorno atento e pelas contribuições aos projetos submetidos.

De forma especial, agradeço a Lidiana Reis, pelas palavras de conforto, pela escuta sensível e pela confiança constante na potência desta narrativa durante o Labindi e o Nordeste Lab.

A Marcelo Lima, pelo entusiasmo ao ler esta história e pelas contribuições que tanto agregaram ao processo nas consultorias do Nordeste Lab.

A Matheus Cenacchi, pela consultoria valiosa, pelo olhar atento e pelo respeito que teve com a minha história.

A Victor Rosa, pela condução generosa e pelas colocações precisas durante os encontros do Marieta.

A Klaus Hastenreiter, Hilda Lopes Pontes e Anti Ribeiro, pela condução cuidadosa e pelas provocações fundamentais vividas durante o LabQueer, experiências que tencionaram, deslocaram e fortaleceram a minha escrita.

Aos meus amigos Bruno Costa, Felipe Soares e Wesley Carvalho, por serem esse lugar seguro de troca, afeto e aprendizado. A presença de vocês sustenta não apenas este trabalho, mas a minha caminhada enquanto indivíduo. Ter vocês comigo fez e faz toda a diferença!

À minha família, por ser, em tantos momentos, conforto e afeto diante das adversidades da vida.

Ao meu parceiro, Victor Richard, que além de namorado é um grande amigo, presente nos meus dias, ouvindo minhas inquietações, minhas neuras e também as ideias mais improváveis, sempre com carinho e apoio.

Agradeço enormemente ao lugar de onde venho, Mato Grosso, território de grandes aprendizados e experiências que me moldaram e me fizeram ser quem sou hoje. Sou profundamente grato por ter podido vivenciar esse espaço e, ao longo do tempo, e por revisitá-lo com novos olhares.

De forma geral, agradeço a todas as pessoas que tive o privilégio de conhecer durante este projeto. De algum modo, todas contribuíram para que ele existisse. É incrível descobrir a multiplicidade de olhares e vivências que se revelam quando nos aventuramos no mundo da ficção em busca de caminhos para realizá-la, ou simplesmente para viver a experiência da escrita como processo compartilhado. Sem dúvida, sem vocês, este projeto não estaria escrito.

RESUMO

O projeto *Quando a chuva passar* consiste na criação de um roteiro de curta-metragem articulado a uma reflexão sobre seu próprio processo de criação do autor. Ao longo da trajetória de escrita, o roteiro passou por diferentes tratamentos, sendo desenvolvido em laboratórios de roteiro, rodadas de negócios e consultorias, espaços que possibilitaram trocas fundamentais para o amadurecimento da obra. O processo criativo está intimamente relacionado à história pessoal do autor e ao território de Mato Grosso, pertencente a cidade de Rio de Contas, cidade onde cresceu, tendo como base conflitos territoriais, geográficos e sociais que atravessam a constituição subjetiva do protagonista Antônio. O projeto se ancora, sobretudo, nos conceitos elaborados por Cecília Almeida Salles acerca do processo de criação, especialmente na compreensão da obra como um gesto em construção. *Quando a chuva passar* não se configura apenas como uma narrativa sobre a descoberta da sexualidade de um homem do interior, mas como um relato sensível de ruptura com estruturas patriarcais, ao mesmo tempo em que dialoga com o autor em sua própria reflexão sobre pertencimento, identidade e relação com o território de origem.

Palavras-chave: Processo criativo. Roteiro cinematográfico. Memorial reflexivo. Subjetividade. Território.

ABSTRACT

The project *Quando a Chuva Passar* consists of the creation of a short film screenplay articulated with a reflection on the author's own creative process. Throughout its writing trajectory, the script went through different drafts and treatments, being developed in screenwriting labs, industry meetings, and consultancy spaces, which enabled fundamental exchanges for the maturation of the work. The creative process is closely related to the author's personal history and to the territory of Mato Grosso, located in the municipality of Rio de Contas, the town where he grew up. It is grounded in territorial, geographical, and social conflicts that shape the subjective constitution of the protagonist, Antônio. The project is mainly anchored in the concepts developed by Cecília Almeida Salles regarding the creative process, especially in the understanding of the artwork as a gesture in construction. *Quando a Chuva Passar* is not only a narrative about the discovery of sexuality by a man from the countryside, but also a sensitive account of rupture with patriarchal structures, while simultaneously engaging the author in his own reflection on belonging, identity, and his relationship with his territory of origin.

Keywords: Creative process. Screenwriting. Reflective memorial. Subjectivity. Territory.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia das casas de Mato Grosso com a igreja ao centro.....	9
Figura 2 - Registro fotográfico da minha infância.....	11
Figura 3 - Fotografia da praça de Mato Grosso, sob o céu nublado.....	71

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. UM MUNDO A SER EXPLORADO.....	15
2.1. Primeiras trocas; palavras confusas.....	16
2.2. Saindo da fantasia e olhando a minha volta.....	21
2.3. Surge, então, uma síntese.....	25
3. E SE REMOVER A REPRESENTATIVIDADE?.....	29
3.1. Oportunidades à vista.....	30
3.2. Marieta, uma rede de trocas.....	32
3.3. Um primeiro passo para o amadurecimento.....	35
3.4. O dilema do longa-metragem.....	37
3.5. Um banho de água fria.....	39
4. A SÍNTESE DA SÍNTESE.....	42
4.1. Inicia-se uma jornada literária.....	43
5. TEMPO DE MATURAÇÃO.....	47
5.1. Escrever é um ato de contínuas incertezas.....	48
5.2. Coincidências acontecem.....	49
5.3. NoredesteLab, uma grata surpresa.....	51
5.4. A jornada literária continua.....	52
5.5. Trocas.....	53
5.6 Cada pitching é um pitching.....	56
6. O ROTEIRO.....	60
6.1. Logline.....	60
6.2. Argumento.....	60
6.3. Quando a chuva passar.....	63
7. PRÓLOGO.....	72
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	77
APÊNDICE.....	78
ANEXO.....	79

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Rio de Contas, localizada no sudoeste da Chapada Diamantina, do estado da Bahia, possui cerca de 302 anos de história e preserva, em sua arquitetura, marcas evidentes do período colonial. Segundo o último censo realizado no ano de 2022, o município conta atualmente com aproximadamente 13.184 habitantes residentes¹. Foi nesse território que nasci e cresci, mais especificamente no distrito de Mato Grosso, uma pequena comunidade marcada por uma rica presença de elementos naturais, mas ainda atravessada por lógicas sociais conservadoras, historicamente associadas ao processo de colonização, e sustentadas por costumes e práticas patriarcais profundamente enraizadas.

Nesse contexto, é comum que a ausência de uma perspectiva progressista contribua para a manutenção de valores moralistas e contraditórios, legitimados, sobretudo, pela presença imponente da Igreja Católica, localizada na única praça do distrito, representando uma organização simbólica e social da comunidade. O temor a Deus, amplamente difundido, favorece a reprodução de preconceitos direcionados a tudo aquilo que escapa aos padrões considerados corretos a partir da moral cristã. Soma-se a esse cenário a carência de políticas públicas voltadas às minorias sociais, bem como a permanência de práticas políticas associadas ao clientelismo, que reforçam estruturas de poder arcaicas e um contexto de estagnação social, no qual cultura, política e religião se articulam de forma conservadora.

Foi nesse ambiente que me reconheci enquanto sujeito homossexual, sendo um dos poucos a assumir publicamente essa orientação no distrito. Tal vivência trouxe desdobramentos profundos em minha trajetória pessoal, com impactos físicos e, sobretudo, psicológicos. Durante grande parte da infância e da adolescência, experienciei uma existência marcada pela solidão, pela confusão identitária e por sentimentos recorrentes de culpa e incompreensão.

¹. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/rio-de-contas/panorama>. Último acesso em 19/12/2025

Figura 1: Fotografia das casas de Mato Grosso com a igreja ao centro.



Fonte: Mato Grosso em Fotos. Facebook, 2022.

Uma das saídas que encontrei para enfrentar essa solidão foi escrever diários. No final do Ensino Médio, comprei cadernos escolares comuns e neles registrei, diariamente, minhas angústias, minhas dúvidas e meu processo de autodescoberta e aceitação da minha sexualidade. A escrita me ofereceu um espaço de respiro em dias nos quais ninguém parecia compreender o que eu sentia, nem mesmo eu. Ela se tornou uma fuga para um mundo onde minha existência era possível, livre de julgamentos e dos olhares tortos que acompanhavam aquilo que eu desejava ser.

Com o passar do tempo, surgiu a necessidade de migrar para outros lugares, não apenas por uma demanda econômica, mas também pelo desejo de expandir a minha própria percepção de mundo. Havia em mim uma urgência visceral de escapar de um espaço que já não me oferecia nada além de hostilidade e silenciamento. Então no ano de 2018, aos 21 anos, mudei-me para Livramento de Nossa Senhora, cidade próxima a Rio de Contas, onde trabalhei por dois anos como atendente de farmácia. Esse período foi atravessado por uma experiência laboral marcada por tensões e desafios nas relações cotidianas, o que acabou evidenciando, de forma concreta, a necessidade, novamente, de transformação. Foi nesse

contexto que compreendi que o ingresso em uma graduação seria um caminho essencial para romper com aquele ciclo e projetar um futuro diferente.

A partir dessa constatação, iniciei uma rotina intensa de estudos voltada para o ENEM, naquele momento com um desejo de cursar Jornalismo porque eu gostava de escrever. Com o tempo, porém, percebi que lidar diretamente com o fluxo contínuo de notícias me gerava ansiedade, e que o que verdadeiramente me mobilizava era o universo da ficção, da criação e da fabulação. Com esse entendimento, reformulei meus planos e decidi me mudar para São Paulo, em janeiro de 2020, com a intenção de trabalhar, estudar e ampliar meus horizontes culturais. A chegada à cidade foi impactante: tudo era acelerado, impessoal, e eu percebia apenas mais um corpo em meio à multidão. Trabalhei como caixa em um restaurante, submetido a uma escala exaustiva de trabalho 6x1, conciliando os estudos para o ENEM em meio a um intenso desgaste físico e emocional. Ainda assim, havia a expectativa de que São Paulo me oferecesse uma experiência de liberdade e uma aproximação com a cultura LGBTQIAPN+ muito diferente daquela vivenciada nas pequenas cidades do interior da Bahia.

Entretanto, essa mudança coincidiu com o início de um dos períodos mais críticos da história recente. Poucos meses após a minha chegada, os primeiros casos de Covid-19 foram anunciados no Brasil e, em seguida, foi decretada a pandemia. O que inicialmente parecia passageiro se prolongou por meses, tornando a permanência na cidade insustentável. Diante desse cenário, retornei para Mato Grosso, onde, em meio à instabilidade e à incerteza do contexto pandêmico, concentrei meus esforços integralmente nos estudos. Esse período foi marcado por disciplina e resiliência, culminando em uma conquista significativa: obtive 920 pontos na redação do ENEM, resultado que representou não apenas um êxito acadêmico, mas também a validação de um esforço prolongado.

Em 2021, fui aprovado pelo SISU no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Sergipe, minha primeira opção, iniciando assim uma nova jornada em um estado completamente desconhecido para mim. Cheguei a Sergipe em janeiro de 2022, aos 24 anos sem conhecer ninguém e sem garantias, movido apenas pela convicção de que aquele seria um caminho transformador. Até então, minha relação com o cinema era mínima — eu sequer havia frequentado uma sala de exibição —, mas existia em mim um desejo claro: escrever roteiros, mesmo sem compreender plenamente como esse processo se daria.

Figura 2: Registro fotográfico da minha infância.



Fonte: Acervo pessoal.

As disciplinas de Roteiro I e II, ministradas pela docente Ana Ângela Farias Gomes, foram fundamentais para a minha formação inicial, proporcionando um aprendizado intenso sobre a tradução da linguagem cinematográfica para a escrita. Embora minha inclinação inicial fosse marcada por uma escrita de caráter literário, aos poucos compreendi as especificidades do roteiro, sua estrutura própria, sua objetividade e sua potência expressiva. Paralelamente, foi também por meio da universidade e da orientação da mesma docente que tive meus primeiros contatos com projetos de extensão, como o Maré Narrativa, e com a iniciação científica.

O Maré Narrativa é um projeto vinculado ao curso de Cinema e Audiovisual da UFS e ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Cinema (PPGCINE) que tem como objetivo fomentar a criação de narrativas audiovisuais e a formação de roteiristas, articulando ensino, pesquisa e extensão. O projeto existe a partir de demandas identificadas em experiências anteriores da universidade, que revelaram a necessidade de um espaço permanente de criação, troca e formação profissional em roteiro que ultrapassasse os limites

acadêmicos e alcançasse a comunidade externa, especialmente diante da carência de roteiristas no mercado audiovisual. Sua função é atuar tanto na formação de roteiristas em nível universitário desenvolvendo reuniões de criação, ações formativas, oficinas on-line de roteiro baseadas em metodologias sensíveis e experimentais, além da manutenção de um site e de perfis em redes sociais voltados à qualificação e profissionalização do roteirista brasileiro, com atuação interdisciplinar e contínua ao longo do tempo.

A minha iniciação científica foi desenvolvida com apoio da bolsa PIBIC, por meio do projeto de pesquisa intitulado *Roteiro e Processo de Criação e Implicação I*, cujo objetivo central foi compreender o processo criativo da escrita cinematográfica a partir do conceito de “roteiro-implicação”, investigando de que modo roteiristas se deixam afetar pelos sujeitos, pelos territórios e pelos contextos sociopolíticos que atravessam suas narrativas. O projeto surgiu da necessidade de aprofundar os estudos sobre os processos de criação em roteiro, articulando cinema, espaço e subjetividade, ancorado em referenciais teóricos como Cecília de Almeida Salles, a análise institucional e a esquizoanálise, ao mesmo tempo em que contribuiu para o fortalecimento do campo acadêmico dos estudos de roteiro no Brasil.

Sua função é produzir conhecimento crítico sobre a relação entre território e criação, especialmente no contexto latino-americano e de um cinema de perspectiva decolonial, tomando como objetos de análise os processos criativos dos filmes *Los silencios* (2018, dirigido e roteirizado por Beatriz Seigner) e *Era o Hotel Cambridge* (2016, dirigido por Eliane Caffé e roteirizado por Eliane Caffé, Inês Figueiredo e Luiz Alberto de Abreu). Como características, a pesquisa se estrutura de forma teórico-analítica e prática, combinando análise de obras e de seus processos de escrita, revisão bibliográfica de artigos acadêmicos, discussões coletivas e diálogo direto com ações de ensino e extensão, contribuindo tanto para a reflexão teórica quanto para a formação de roteiristas e a reformulação pedagógica das disciplinas de roteiro.

Através principalmente desse projeto de pesquisa que me despertou o interesse pelos estudos sobre processos de criação. A partir disso, decidi que meu Trabalho de Conclusão de Curso seria um roteiro, inicialmente pensado como longa-metragem, com o objetivo de refletir sobre o meu processo criativo. Mais do que um exercício acadêmico, eu desejava que o projeto alcançasse uma dimensão profissional, circulando por laboratórios, rodadas de negócios, concursos de roteiro e grupos de desenvolvimento.

Esse movimento teve como objetivo ampliar meu amadurecimento pessoal e profissional por meio do diálogo com diferentes olhares e experiências, o que se concretizou com a participação do projeto em diversos espaços de laboratórios de roteiro, desenvolvimento promovendo trocas no campo audiovisual, além de sua circulação em rodadas de negócios; paralelamente, a obra também transitou por sua versão literária, sendo publicada em diferentes antologias e contextos editoriais, o que possibilitou múltiplos formatos, tratamentos e versões, processo fundamental para o amadurecimento do projeto até alcançar a versão atual, na qual reconheço, com clareza, o percurso de crescimento que a tornou possível.

Foi nesse contexto que nasceu o projeto *Quando a chuva passar*, atualmente um roteiro de curta-metragem de ficção que narra a história de Antônio, um homem maduro, lavrador, que vive em um ambiente opressor e mantém, às escondidas, um relacionamento afetivo com um colega de trabalho, Pedro. Em que num dia nublado, após o expediente, Antônio e Pedro seguem com outros trabalhadores para um bar da região. Tendo a chuva como testemunha e elemento catalisador da ação, Antônio tenta, a todo custo, conter e disfarçar os sentimentos que nutre pelo colega, até que um beijo rompe com o silêncio e com o segredo que o aprisiona.

Na versão atual do roteiro, a escolha por um desfecho em que o personagem pode vivenciar esse romance ultrapassa a lógica narrativa da “saída do armário” tradicionalmente associada a personagens gays. O filme propõe, em vez disso, uma dimensão fantasiosa, atravessada por imagens oníricas e pela emancipação subjetiva do protagonista, conduzido de forma metafórica e simbólica pelos elementos naturais que compõem a chuva. Esse fenômeno assume, assim, o papel de agente transformador da narrativa e da maneira como Antônio passa a enxergar a si mesmo e a sua sexualidade.

Ao longo do processo de desenvolvimento do projeto, o personagem Antônio passou por diferentes configurações dramatúrgicas: em alguns tratamentos, lidava com conflitos profundos na relação com o pai; em outros, era marcado pela perda da mãe ou pela vivência de uma sexualidade rigidamente reprimida. Em determinados momentos, a fantasia emergia como uma estratégia de sobrevivência, enquanto a arte surgia como refúgio para a solidão. O ambiente de trabalho, por sua vez, foi sendo construído como um espaço de repetição, monotonia e tensão, atravessado por relações marcadas pelo machismo e pela homofobia, mantendo o personagem preso a uma sensação constante de imobilidade imposta pelo

território que o circunda. Esse percurso de transformação do personagem espelha, em muitos aspectos, a minha própria trajetória: um processo de descoberta, resistência e elaboração subjetiva, no qual também precisei criar meios para continuar existindo.

A motivação pessoal para a escrita deste roteiro emerge, portanto, de um processo de autoescuta iniciado durante sessões de terapia, quando compreendi que muitas das minhas dificuldades relacionadas à introversão e à vivência da sexualidade estavam diretamente vinculadas ao contexto social opressor no qual cresci. Desse modo, a decisão de entrelaçar sexualidade e espaço nasce da necessidade de externalizar emoções que, por muito tempo, permaneceram confusas e contidas. *Quando a chuva passar* configura-se, assim, não apenas como um exercício de escrita audiovisual, mas como um espelho simbólico do meu percurso pessoal e das questões que venho tentando compreender sobre mim e sobre o mundo ao meu redor.

Diante disso, os capítulos a seguir debruçam-se sobre diferentes desdobramentos do projeto. Em *Um mundo a ser explorado*, relatarei as ideias iniciais da obra, que começou sendo pensada como um longa-metragem e, posteriormente, ganhou sua primeira versão em formato de curta. Em seguida, em *E se removermos a representatividade?*, o projeto adquire novas camadas a partir das tentativas de inserção em outras oportunidades de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que passo a questionar a viabilidade de produzir um longa naquele momento. A versão do curta é então submetida a uma consultoria, experiência que me leva a repensar profundamente a narrativa. Logo após, em *A síntese da síntese*, surge uma nova versão ainda mais condensada do curta, desta vez apresentada em formato literário. Por fim, em *Tempo de maturação*, o projeto passa por novos tratamentos e é aprovado na primeira fase do NordesteLab, o que direciona ainda mais sua trajetória dentro de espaços de desenvolvimento. No tópico seguinte, apresento a versão final do roteiro, totalizando o nono tratamento. Para encerrar, o prólogo traz uma reflexão geral sobre todo esse processo, somada ao relato da premiação em um concurso de roteiro de grande importância, que simboliza a consolidação dessa jornada.

2. UM MUNDO A SER EXPLORADO

As primeiras tentativas de escrita do projeto *Quando a chuva passar* estavam ancoradas em um processo muito íntimo e pessoal, em que grande parte dos acontecimentos se baseava nas minhas próprias vivências. O primeiro esboço, intitulado *O fantástico mundo de Antônio*, era um argumento do longa desenvolvido estruturalmente durante o laboratório de roteiro LabIndi. Foi nesse processo que percebi fragilidades narrativas e estruturais do projeto. Apesar das inseguranças, o contato com outros profissionais me fez compreender a importância de buscar uma síntese narrativa, algo que se refletiria nas versões seguintes do roteiro.

Na sequência, decidi continuar o desenvolvimento do projeto inscrevendo-o no laboratório Argumenta, voltado à construção de argumentos. O título foi simplificado para *Antônio* e, ao retornar ao meu distrito de origem, Mato Grosso, o reencontro com aquele espaço social reacendeu em mim o desejo de olhar para a história sob uma perspectiva mais realista. Passei, então, a conciliar minhas experiências de vida com os conflitos e dilemas do protagonista. O contexto social ganhou novas camadas de opressão, e a relação entre os personagens começou a ser explorada de forma mais subjetiva.

A partir dessas vivências, passei a compreender meu processo criativo com maior clareza e decidi transformar o longa em um curta, adaptando seu primeiro ato para o laboratório de roteiro LabQueer. Essa nova etapa representou um amadurecimento não apenas técnico, mas também pessoal, consolidando uma escrita mais consciente e simbólica. O movimento de condensar e reorganizar ideias foi essencial para perceber que o processo criativo é contínuo. É preciso deixar as ideias fluírem em busca de transformação.

2.1. Primeiras trocas; palavras confusas

Desde o início da formulação deste projeto, friso que meus objetivos estavam claros: utilizá-lo como Trabalho de Conclusão de Curso, inicialmente pensado como a escrita de um roteiro de longa-metragem, e também submetê-lo ao maior número possível de laboratórios, concursos e consultorias de roteiro, ou seja, tentar executar a escrita como algo profissional, com o objetivo de me lançar no mercado como roteirista. Ao longo dessa jornada compreendi que escrever vai muito além de sentar-se diante do computador, seguir manuais de roteiro ou até mesmo vivenciar momentos catárticos de inspiração. A escrita é também uma atividade de campo, sustentada por redes de contato e trocas com outras pessoas, que fazem emergir uma compreensão mais ampla, quase orgânica, da obra que se deseja construir.

Segundo Fer (2020), o processo criativo do filme *Los Silencios*, só se concretizou a partir da participação em laboratórios, o que possibilitou o acesso a fundos voltados ao desenvolvimento de roteiros. A partir desse momento, Beatriz Seigner, a diretora e roteirista do filme, passou a integrar um ecossistema de criação colaborativa que contribuiu fortemente para o tratamento final do roteiro. Tendo isso em vista, enxergo meu projeto como uma oportunidade semelhante, onde a escrita possa se estabelecer a partir de diálogos com outras vozes e olhares.

Dito isso, a primeira versão desse projeto foi desenvolvida no LabIndi (Laboratório de Projetos Audiovisuais Independentes). O laboratório ocorreu entre março e julho de 2024, com encontros semanais e on-line. Durante os 14 encontros ofertados, nós, os participantes, pudemos desenvolver nossos projetos em um ambiente seguro e colaborativo. Nos encontros finais, o programa também promoveu debates com convidados especiais que discutiram roteiro, direção, distribuição e processos criativos, além de uma reapresentação da evolução de cada projeto.

Apresentei a minha proposta no sexto encontro do laboratório. Embora eu não tenha mais acesso à gravação da apresentação para reavaliar minha performance e os *feedbacks* recebidos, ainda disponho do Dossiê do Projeto²: um documento utilizado para sintetizar as informações principais de cada trabalho, com o objetivo de orientar os participantes do grupo na formulação de comentários. Logo, o Dossiê, assim como outros documentos que serão apresentados futuramente, funciona como um registro material do processo criativo, que se formula como índices do tempo e da gênese da criação (Salles, 1998).

² Disponível no apêndice.

Na época, esse projeto se chamava *O mundo fantástico de Antônio* (título provisório), um longa muito embrionário que mesclava romance, suspense e terror psicológico, em uma gradação narrativa que atravessa esses gêneros. A história se ambienta em um interior nordestino de contornos fantásticos, situado entre passado e presente, sem uma linearidade cronológica definida. A logline³, ainda inexperiente, apontava: “Pedro chega à cidade. Pedro é um homem encantador. Antônio é um homem solitário. Eles fariam um casal perfeito. Mas há algo de errado aí.”

A narrativa se desenvolvia em um universo fantástico onde se apresentava a história de Antônio, um homem gay, maduro, que vivia com a sua mãe idosa e doente em um povoado no interior nordestino. Sua rotina muda quando conhece Pedro, um jovem atraente que o ajuda durante um mal-estar da sua mãe. A aproximação entre os dois evolui para uma relação afetiva, mas à medida que o vínculo cresce, a saúde da mãe piora. Ao descobrir o relacionamento dos dois, ela morre, e, a partir disso, a “realidade” começa a ruir, provocando em Antônio uma instabilidade emocional e sensorial.

Apesar de a sinopse já delinear os contornos gerais da trama, ela não abrangia as complexidades da história em sua totalidade, envolvendo múltiplos personagens e camadas narrativas que eu ainda não conseguia estruturar com clareza. Naquele momento, eu me encontrava em um processo inicial, no qual as ideias ainda perambulavam pela minha mente e os mundos fictícios começavam a se formar, exigindo algum tipo de filtro e organização. A falta de prática, somada a uma noção ainda incipiente do mercado e da construção narrativa, dificultava uma estrutura mais sólida para o projeto.

Com o intuito de oferecer um maior respaldo daquele universo, ao descrever os personagens no Dossiê, aprofundi a narrativa a partir da perspectiva do protagonista. Dividi as descrições em três partes: uma caracterização física simples; a visão de Antônio sobre cada personagem — narrada em primeira pessoa; e a verdade por trás dessas percepções — em terceira pessoa.

Antônio era um homem branco, maduro, baixo, parrudo, tímido e introspectivo (caracterização física), que se via como alguém simples e resignado com a vida no interior. Embora sempre soubesse de sua sexualidade, não encontrava espaço para vivê-la, recorrendo à imaginação como refúgio (visão de Antônio sobre si). A grande virada da história é revelada

³ Resumo muito breve de um projeto audiovisual, geralmente em uma ou duas frases, que apresenta a ideia central da história.

quando o expectador descobre que, *na verdade*, ele vivia com o pai doente José, um homem machista e homofóbico, e não com a mãe, como ele imaginava. Incapaz de lidar com essa realidade, Antônio criava versões alternativas da própria vida para suportar o cotidiano (a verdade por trás dessas percepções do protagonista). A personalidade de Antônio estava diretamente relacionada com a solidão proporcionada pela falta das relações afetivos-sexuais.

O principal dilema encontrado na construção da vivência gay, onde as questões das sexualidades e gêneros dissidentes não emergem publicamente, se dá justamente no campo das relações afetivo-sexuais, ou mais especificamente na falta dessas relações e o quanto isso proporciona uma vivência solitária e subalterna. (Feitosa; Santos Silva; Zacarias, 2020, p. 324).

Na sequência, descrevo os personagens coadjuvantes, todos filtrados pela visão distorcida de Antônio. Pedro era um homem branco, alto, carismático e misterioso, idealizado como um príncipe encantado que viria a resgatar Antônio de sua rotina monótona. No entanto, ele não existe, era uma invenção criada para preencher o vazio afetivo e sexual do protagonista.

A mãe era uma mulher religiosa, austera e batalhadora, mas já havia falecido três anos antes. A progressiva piora de sua saúde na narrativa simboliza a culpa internalizada de Antônio diante da doutrinação religiosa materna associada à repressão da sua sexualidade. Já o pai, tido como morto ao longo da história, era, na realidade, quem estava vivo e doente, precisando dos cuidados do filho, porém, a não-relação existente entre eles obrigava Antônio a apagá-lo da própria realidade. Essa ausência deliberada refletia-se na estrutura narrativa, onde a figura paterna era representada apenas por signos sutis, sendo revelada apenas no momento catártico da história.

Uma outra camada da narrativa considerada por mim pouco desenvolvida, tratava-se do Lucas e do Davi, respectivamente, um adolescente e uma criança, que também faziam parte do imaginário de Antônio, sendo versões mais jovens dele mesmo. Eles perambulavam pela casa e formavam uma espécie de trindade com o protagonista, representando fases de sua vida em que a sexualidade não pôde ser vivenciada plenamente. Agora, no presente, retornavam simbolicamente na tentativa de ocupar o espaço que eles ainda não conseguiram habitar por completo.

Dessa maneira, o verdadeiro antagonismo da narrativa não se manifestava em personagens específicos, como o pai, a mãe ou mesmo Lucas e Davi, mas no próprio espaço que cerca o protagonista. O ambiente em que Antônio vive, atua como força opressora que limita suas possibilidades de vivenciar plenamente os desejos e afetos homoeróticos. Esse espaço não reprime apenas sua individualidade, mas sustenta uma cultura estruturalmente homofóbica e machista, que afeta de forma mais ampla toda a comunidade local. Para Feitosa, Santos Silva e Zacarias (2020) as vivências de muitos homens gays do interior são atravessadas por violências simbólicas que condicionam os sujeitos à adoção de performances heteronormativas como forma de autopreservação.

Ao refletir sobre as minhas referências, percebo a ausência de produções audiovisuais com temática LGBTQIAPN+ que dialogassem diretamente com a proposta do meu filme. Minhas inspirações estavam majoritariamente ligadas ao universo fantástico e à psique do protagonista, como a série *Wandavision*, (2021, dirigido por Matt Shakman e roteirizado por Jac Schaeffer) o episódio *Sins of the Son* de *X-Men Evolution* (2003, dirigido por Gary Graham, e o roteirizado por Len Uhley), os longas *Estou pensando em acabar com tudo* (2020, dirigido e roteirizado por Charlie Kaufman), *Amor assombrado* (2019, dirigido e roteirizado por Wagner de Assis) e *Ilha do medo* (2010, dirigido por Martin Scorsese, baseado no livro de Dennis Lehane, adaptado por Laeta Kalogridis), além da telenovela *Velho Chico* (2016, escrita por Benedito Ruy Barbosa e dirigida por Luiz Fernando Carvalho). O único título que abordava diretamente a temática LGBTQIAPN+ era *Deserto particular* (2021, dirigido por Aly Muritiba e roteirizado por Aly Muritiba e Henrique dos Santos) cuja discussão sobre performance heteronormativa e isolamento espacial se relacionava com o dilema de Antônio.

Ao final do dossiê, reconheci que o projeto ainda estava em estágio inicial, com lacunas narrativas e dificuldades na construção dos personagens e do universo. Questionei a mim mesmo sobre a repetição de narrativas homoafetivas marcadas pela dor, algo que, mesmo sem querer, acabava reproduzindo.

Destacava ainda a complexidade de construir o pai como figura ausente durante quase toda a trama e o desafio de articular o espaço interiorano com regras sociais rígidas e conservadoras ao universo de fantasia criado pelo Antônio. A permanência ou não de Lucas e Davi também era uma questão em aberto, assim como a conclusão da história, já que, apesar

da dúvida entre um desfecho positivo, negativo ou aberto, havia em mim o desejo de que Antônio, enfim, encontrasse algum tipo de felicidade.

Como mencionei antes, não tenho mais acesso à gravação da minha apresentação, mas guardei algumas anotações feitas pela mentora do laboratório Lidiana Reis. Um dos apontamentos que me marcou foi a sugestão da síntese do título para *Antônio*, adotando-o, a partir daí, como título oficial. Lidiana destacou que o meu projeto reunia várias narrativas que, por si só, poderiam originar em outros filmes especialmente pela forma como eu descrevia os personagens, inserindo novas tramas a partir das descrições deles. Ela questionava, inclusive, se o mundo fantástico criado precisava necessariamente ser externo, ou se o fantástico não poderia habitar apenas o interior do protagonista. Entre as referências sugeridas, estavam *Vento seco*, (2020, dirigido e roteirizado por Daniel Nolasco) pela abordagem do desejo e da sexualidade de um homem do interior, e *Peixe abissal* (2023, dirigido e roteirizado por Rafael Saar) por explorar as camadas da relação entre mãe e filho.

Assim, dado a passagem de um tempo, a nova versão do projeto foi reapresentada no LabIndi, em junho de 2024, enquanto eu estava em Salvador, participando de outro laboratório, o LabQueer⁴. O novo tratamento, agora sob o gênero drama queer, tinha a seguinte logline: “Um trabalhador rural comum, que vive em um lugar hostil, tem sua zona de conforto confrontada ao se apaixonar por um colega de trabalho.” Essa versão dialoga muito mais com a minha realidade natal, que será explorada com mais detalhes adiante. Assim, o processo de criação tende a ser um mundo de possibilidades não se resumindo apenas ao *insight* inicial.

Não se pode limitar o conceito de processo com tendência, nesse contexto de uma obra específica, a um grande *insight* inicial. Se assim fosse visto, o processo de criação seria um percurso quase mecânico de concretização de uma grande ideia que surge no começo do processo. No contato com diferentes percursos criativos, percebe-se que a produção de uma obra é uma trama complexa de propósitos e buscas: problemas, hipóteses, testagens, soluções, encontros e desencontros. Portanto, longe de linearidades, o que se percebe é uma rede de tendências que se inter-relacionam. (Salles, 1998, p.36).

Nessa nova versão, Antônio é um lavrador que se apaixona pelo novo colega de trabalho Pedro, mas ao assumir os seus sentimentos, é rejeitado. Paralelamente a isso, é

⁴ Laboratório de roteiro voltado para o público LGBTQIAPN+, o qual fui selecionado com a versão em formato de curta-metragem do longa “Antônio”. Mais adiante me aprofundo nesse processo.

introduzido o personagem Tiago, um jovem gay afeminado que busca documentar a vida do seu avô Agenor, um homem que viveu, em segredo, sua orientação sexual, naquele mesmo espaço, em uma outra época. Tiago enfrenta resistência da comunidade, mas ao se aproximar do pai de Antônio, José, um antigo amigo de Agenor, acaba conhecendo o lavrador. Inicialmente, Antônio rejeita Tiago por conta de sua homofobia internalizada, mas, aos poucos, através do afeto e da convivência, passa a se questionar e se libertar das amarras conservadoras. Após a morte de seu pai e a partida de Tiago, Antônio decide se mudar para uma cidade maior, buscando viver de forma mais libertadora.

Durante a conversa, recebi comentários pertinentes dos colegas do laboratório. Lidiane Reis destacou que o projeto teve grandes ganhos, especialmente com a retirada da parte fantasiosa, o que trouxe mais clareza à narrativa. Leonardo Casimiro destacou que esse pai clássico, homofóbico e hipócrita, era bastante representado no audiovisual, e que seria interessante pensar o pai como um homem gay que não viveu plenamente sua sexualidade, trazendo uma nova camada geracional ao conflito com o filho. Ele também me aconselhou a me aproximar mais de homens gays maduros para dar mais verossimilhança ao personagem Antônio. A participante Eloisa trouxe uma leitura psicológica da relação entre pais e filhos, apontando que, quando há conflito, geralmente é porque eles se parecem. Sugeriu que houvesse uma semelhança entre os dois, mas que ambos negassem.

Com essa nova versão e todos esses comentários, minha história ganhava mais camadas e possibilidades. No entanto, agora vamos voltar um pouco no tempo e analisar uma outra versão do longa, anterior a essa última apresentada, escrita exclusivamente para participar de um laboratório de argumentos de longas, no Rio de Janeiro, o Argumenta.

2.2. Saindo da fantasia e olhando a minha volta

A segunda versão do projeto se constitui pouco depois da minha primeira apresentação no LabIndi, ao tomar conhecimento da existência de um novo laboratório voltado para argumentos. O sexto Argumenta, promovido pelo Sesc RJ, em 2024, é um Programa de Formação Audiovisual, com o objetivo de realizar, entre outras atividades, um laboratório de escrita cinematográfica destinado a roteiristas e seus projetos audiovisuais. O meu foco era concorrer a uma vaga destinada a pessoas roteiristas de todo o Brasil que tenham como propostas desenvolver um argumento original de longa de ficção.

Nessa nova versão, Antônio, 42 anos, mantém uma rotina exaustiva no trabalho, onde colhe e carrega laranjas em um sítio, além dos cuidados com o pai acamado, José, um homem homofóbico com quem mantém uma relação distante. Pelo fato de ter aceitado sua sexualidade tardiamente, Antônio a vive de forma reprimida, encontrando algum alívio emocional em pinturas eróticas que produz à noite e em buscas frustradas por afeto em aplicativos de relacionamento.

Após cair de um pé de laranja, Ivan, funcionário do sítio em que Antônio trabalha, é substituído por Pedro, um jovem atraente e viril que gera uma atração imediata em Antônio, fazendo-o projetar sobre o colega seus anseios mais íntimos. Justamente por isso, Antônio dá vida a figura onírica do "Pedro Imaginário", uma fantasia criada pelo Antônio para suprir os seus desejos pelo colega. A narrativa avança com a construção de momentos de aproximação entre os dois, especialmente em um acampamento com outros funcionários. No acampamento, há diversos momentos em que Pedro aparenta sentir algo recíproco pelo colega, alimentando as expectativas de Antônio, mas mesmo assim nada acontece entre eles.

Após o acampamento, quando retorna para a sua casa, Antônio fica inquieto, o Pedro Imaginário surge aconselhando-o a se declarar para Pedro Real. Então ele decide marcar um encontro com o colega. Eles se encontram numa beira de estrada, sob o céu carregado de nuvens pesadas. Quando Antônio enfim se declara para o colega, começa a chover e tem a frustração de ser enxergado somente como amigo por Pedro. Na sequência, em sua casa, Antônio é surpreendido por batidas na porta, encontra Pedro à sua frente, encharcado pela chuva. Ele o convida a entrar, e os dois acabam se entregando a uma relação íntima.

No entanto, logo se revela que tudo não passou de um devaneio de Antônio, um desejo profundo manifestado em forma de fantasia. Pouco depois, em uma conversa inesperada com o pai, os dois compartilham algumas lembranças, o que gera um raro momento de conexão entre eles. No dia seguinte, Antônio encontra o pai sem vida.

Mais tarde, enquanto fuma um cigarro, ele recebe uma mensagem no aplicativo de namoro. O encontro com Tiago, um jovem *queer* afeminado, marca um ponto de virada. Apesar do estranhamento inicial, o encontro com Tiago é libertador e faz com que Antônio repense sua trajetória e seus desejos. Ele decide deixar o trabalho, revisita memórias da infância e parte rumo a um novo lugar, indefinido, mas carregado de possibilidade. O final sugere uma abertura para o recomeço e para uma vida menos marcada pela repressão e pela solidão.

Este foi um resumo das oito páginas escritas para o Argumenta⁵. O projeto não foi selecionado e, infelizmente, não recebi nenhum *feedback* a respeito. Ainda assim, essa versão do argumento apresenta algumas questões que considero pertinentes destacar antes de discutir o processo criativo de forma mais ampla. Em primeiro lugar, nota-se que, no último ato, há algumas incoerências que revelam minha imaturidade, tanto como roteirista quanto no que diz respeito ao estágio de amadurecimento do próprio projeto. Por exemplo, o personagem José desaparece da narrativa por um longo período e reaparece subitamente em uma cena dramática com o filho, falecendo logo em seguida. Já Tiago é um personagem com função interessante na trama, mas que, nessa versão, está pouco explorado, o que me parece atualmente uma solução preguiçosa da minha parte na elaboração desse trecho.

Além disso, algo que só percebi algum tempo depois foi a presença simbólica da água, mais especificamente, da chuva. Essa descoberta, ainda que intuitiva naquele momento, me levou a explorá-la de forma mais consciente e recorrente nas versões posteriores do projeto. Com o tempo, a chuva passou a ganhar destaque como um símbolo diretamente ligado ao romance dos protagonistas. Nesta versão, no entanto, ela surge de maneira marcante na cena em que Antônio se declara para Pedro, funcionando como um elemento natural que reflete o estado emocional do personagem. Ao escrever essa sequência, percebo como a chuva representa tanto o transbordamento dos sentimentos reprimidos quanto a possibilidade de purificação e transformação interior.

O processo de escrita dessa versão coincidiu com minhas férias na minha cidade natal. Esse retorno ao meu lugar de origem me permitiu enxergar com mais clareza elementos reais daquele contexto que poderiam enriquecer a narrativa, originando uma mudança significativa na trama.

No momento da construção da obra, hipóteses de naturezas diversas são levantadas e vão sendo postas à prova. São feitas seleções e opções que geram alterações e que, por sua vez, concretizam-se em novas formas. É nesse momento de testagem que novas realidades são configuradas, excluindo outras. E, assim, dá-se a metamorfose: o movimento criador. Tudo é mutável, mas nem sempre é mudado. (Salles, 1998, p.142).

Essas transformações se manifestaram, sobretudo, na retirada quase total dos elementos fantasiosos que antes moldavam a dimensão espacial da narrativa. Em seu lugar, passei a incorporar referências diretas do contexto de onde venho, ancorando a história na

⁵ Disponível no apêndice.

realidade do meu próprio povoado. Sempre que retorno a Mato Grosso, percebo que as vivências locais ainda são marcadas por uma visão de mundo tradicional, onde mudanças sociais de caráter mais progressistas nem sempre são bem-vindas. O imaginário coletivo permanece preso a tabus e convenções sociais, o que torna a existência de pessoas LGBTQIAP+ atravessada pela solidão e pela falta de representatividade.

O ambiente opressor da narrativa, portanto, passou a estar ligado não apenas à psique do protagonista, mas também a um espaço físico concreto e reconhecível. Antônio já não criava um mundo imaginário para suportar as durezas da realidade: ele vivia em um estado melancólico, preso à monotonia e dependente da rotina. Apenas a arte da pintura lhe oferecia algum alívio. A chegada de Pedro surge como um respiro diante dessa tensão constante, ele era visto por Antônio não somente como um salvador, mas como a promessa de um amor possível naquele ambiente.

Um outro exemplo é a ideia de inserir laranjas que culminou com a observação de um período específico do ano em que o Distrito exporta a fruta para outras regiões do país. Nessa época, um caminhão permanece estacionado na praça central, com a caçamba exageradamente coberta com caixas de laranja, movimentando economicamente o lugar e alterando temporariamente a rotina dos trabalhadores locais. Segundo o relato de uma prima, esse também é o período em que seu marido se torna mais ausente, embriaga-se com frequência e chega mais tarde em casa. Esse relato da minha prima, somado a minha observação do comportamento dos homens da minha localidade, me fez refletir como seria a vida de um homem maduro, secretamente gay, em um ambiente tão marcado pelo machismo e pelo patriarcado? Foi a partir desse questionamento que inseri Antônio nesse universo.

Logo, esse momento representou um resumo de um processo criativo mais maduro, sustentado por um contexto social real que serviu de base para a construção desse novo universo. No entanto, diante do desafio de escrever e estruturar um longa e da percepção de que o argumento ainda precisava amadurecer, decidi explorar uma nova abordagem: transformar o projeto em um fragmento, desenvolvendo um roteiro para curta. Essa decisão se consolidou especialmente quando soube da existência de um novo laboratório voltado a narrativas LGBTQIAPN+ nesse formato.

2.3. Surge, então, uma síntese

O primeiro tratamento da versão em formato de curta⁶ foi desenvolvido unicamente para concorrer ao laboratório LabQueer, um laboratório de roteiro realizado pela Olho de Vidro Produções, destinado para curtas e longas-metragens, com o intuito de contemplar produções de pessoas baianas com obras que dialogassem com as temáticas LGBTQIAPN+. O LabQueer aconteceu em de junho de 2024, em Salvador, sendo selecionado sete curtas e três longas para participar de consultorias presenciais.

O roteiro apresentado no laboratório era baseado no primeiro ato da versão do longa, sendo escrito em um único dia, contendo dezessete personagens, incluindo figurantes, doze páginas e quarenta e três cenas não numeradas no cabeçalho cênico, o que me foi chamado atenção durante as consultorias. Hoje percebo que o texto ainda estava muito cru, com descrições excessivamente concisas, algumas resumidas a uma única frase.

Todo o contexto espacial de repressão laboral e, ainda, a relação conflitante com o pai de Antônio, são mantidos nessa nova versão. Inclui também a fuga artística de Antônio ao pintar imagens falocêtricas, até o momento em que o Pedro surge na narrativa, sendo apresentado pelo dono do sítio, substituindo Ivan, após o acidente laboral.

A partir daí eles mantêm uma relação de amizade. Um dia, Antônio já acostumado à solidão e ao anonimato nos aplicativos de relacionamento, fica surpreso ao encontrar um usuário próximo, o qual ele suspeita ser Pedro. Ao enviar sua foto, é imediatamente bloqueado. Logo, sua paixão toma forma em seu ateliê, quando ele se transforma em um emaranhado de desenhos de Pedro, explorando cada detalhe de seu corpo e alimentando a ilusão de um Pedro Imaginário com quem ele fantasia uma relação.

No clímax da história, o pneu da bicicleta de Pedro fura, e Antônio lhe oferece carona. A chuva obriga os dois a se abrigarem em uma casa abandonada à beira da estrada. O Pedro Imaginário incentiva Antônio a se declarar, mas ele hesita. No silêncio tenso, Pedro, exausto, apoia a cabeça no ombro do colega e pergunta se pode dormir ali. Antônio, lutando contra seus sentimentos, apenas responde que o acordará quando a chuva passar — frase que, mais tarde, se tornaria o título do projeto.

Durante o LabQueer, nós, os selecionados, fomos divididos em grupos e recebemos curadorias de três profissionais: Anti Ribeiro, artista e pesquisadora de ficções, curadora em

⁶ Disponível no apêndice.

audiovisual e educadora; Klaus Hastenreiter, diretor, produtor e roteirista da Olho de Vidro Produções e Hilda Lopes Pontes, diretora, roteirista, preparadora de elenco e sócia fundadora da Olho de Vidro Produções.

Salles (2003) pensa a criação de uma obra como uma rede de inferências que ganha complexidade a partir do momento em que novas relações vão sendo estabelecidas. No meu caso, as inferências que as consultorias do LabQueer geraram em meu projeto foram bastante pertinentes para o processo reflexivo e crítico da minha obra. Eu me recordo de ter vivenciado um intenso sentimento de tensão e agonia, à medida que ia recebendo os *feedbacks* dos consultores. Sentia-me desnudo diante deles, com minha obra exposta a uma análise profunda. No entanto, foi exatamente esse desconforto que me proporcionou novas perspectivas e desafios importantes para a construção do meu roteiro.

Logo, a consultoria com Anti Ribeiro foi marcada com uma série de críticas pertinentes que me ajudaram a repensar diversos elementos estéticos, narrativos e até mesmo semióticos. Ela incentivou a leitura em voz alta dos roteiros, o que me fez sentir vulnerável, mas me ajudou a perceber falhas na escrita. Suas críticas apontaram descrições vagas e genéricas, destacando a importância de construir imagens visuais mais precisas. Além disso, questionou o falocentrismo de Antônio, sugerindo que poderia distorcer a mensagem do filme.

Klaus iniciou a sua consultoria perguntando a mim sobre o porquê da inserção das laranjas, ele achou que a fruta foi escolhida pela cor, que provocava nas pessoas a sensação de ansiedade, associada às emoções do protagonista. Então eu expliquei o meu contexto geográfico que me inspirou nessa condição laboral dos personagens. Ele elogiou a força visual e a economia dos diálogos, associando a estética do filme a planos longos e estáticos, como em *Boi neon* (2015, dirigido e roteirizado por Gabriel Mascaro). Suas sugestões incluíram adiantar a introdução do ateliê de Antônio no roteiro e evitar repetições excessivas de cenas.

Já a consultoria de Hilda Lopes teve poucos registros acessíveis, mas uma crítica ficou marcada: a cena em que funcionários assistem a um vídeo íntimo de uma garota e fazem um comentário machista. Isso a incomodou e me fez refletir sobre seu impacto no público. Anti considerou que a cena evidenciava o comportamento machista dos personagens, enquanto Klaus a classificou como “pesada”, não de forma negativa, mas realista.

Após um período de reflexões, depois da concretização do laboratório, escrevi um segundo tratamento⁷ do roteiro em que agora possui treze páginas, incluindo a capa, e apresenta trinta e nove cenas numeradas. O número de personagens foi reduzido para doze, priorizando a presença de sete funcionários: Antônio, Pedro, Gilson, Fábio, Ivan, Neto e Marli, esta última com potencial de aprofundamento no desenvolvimento do longa. Permanecem também os personagens José, Lia, Lucas (neto de Lia), Agenor e uma presença mais sutil do Pedro Imaginário. As descrições das cenas foram aprimoradas, trazendo mais detalhamento e imersão para os leitores.

A dinâmica inicial do roteiro permanece praticamente intacta, com a principal mudança sendo a introdução da personagem Marli, que amplia as interações entre os funcionários do sítio. O acidente de Ivan também foi modificado: em vez de uma queda de um pé de laranja, cuja verossimilhança foi questionada durante o *pitching*⁸ no LabQueer pela realizadora baiana Caroline Assis, optei agora por um acidente de moto.

Antônio segue com a mesma relação solitária em sua casa e com a sua família. No entanto, seu gosto pelos desenhos agora aparece de forma mais orgânica e antecipada, manifestado em rabiscos de corpos masculinos feitos em folhas A4 sobre a escrivaninha do quarto, em vez de pinturas mais elaboradas em um ateliê.

Entre os personagens secundários, José ganha uma cena mais sensível em que folheia um álbum de fotografias e observa uma imagem ao lado de Agenor, sugerindo um possível envolvimento afetivo no passado. Mais adiante, uma cena de José interagindo com Lucas, neto de Lia, contribuindo para sua humanização. Há também um esforço semelhante em relação aos demais funcionários do sítio, que se mobilizam para organizar uma rifa em apoio ao tratamento médico de Ivan, reforçando o antagonismo do ambiente.

Antônio continua vivendo frustrações nos aplicativos, mesmo que para mim esse comportamento dele parecia genérico e forçado, além de manter o hábito da masturbação e do consumo de pornografia. No entanto, após a chegada de Pedro, a narrativa passa a explorar o crescente envolvimento entre os dois. Um momento de aproximação se dá quando Antônio esquece sua marmita e Pedro compartilha o almoço com ele.

Em seguida, após o pneu da bicicleta de Pedro furar, Antônio lhe oferece carona e, durante o trajeto, Pedro toca sua cintura, intensificando a expectativa de Antônio sobre uma

⁷ Disponível no apêndice.

⁸ Apresentação oral e objetiva de um projeto audiovisual, feita com o objetivo de despertar o interesse de profissionais do setor.

possível reciprocidade. O Pedro Imaginário ressurge de forma mais sutil: como vulto em uma cena em que Antônio se masturba, e em outra, enquanto Antônio cozinha e ele surge e o beija, como uma alucinação sensível e poética.

A sequência final, situada a partir da cena trinta e quatro, inspirou a versão atual do curta ao apresentar o encontro íntimo entre Antônio e Pedro após um almoço com os colegas, quando, isolados do grupo e sob a chuva, o gesto de cuidado e a frase: “eu te acordo assim que a chuva passar” condensam o afeto reprimido dos personagens; foi a partir dessa resolução narrativa que passei a me sentir mais confiante em relação à história que desejava contar, optando por desenvolver simultaneamente as versões de longa e curta-metragem e por difundir o projeto em diferentes contextos e oportunidades.

3. E SE REMOVER A REPRESENTATIVIDADE?

Durante esse período, segui desenvolvendo simultaneamente as versões de curta e longa-metragem, testando possibilidades narrativas e avaliando os limites de cada formato. A versão do longa foi submetida a diferentes espaços de desenvolvimento, sendo selecionado no Grupo de Desenvolvimento do Marieta. Ainda que nem todas as inscrições tenham sido aprovadas, os retornos obtidos ao longo desse percurso provocaram questionamentos decisivos sobre a minha maturidade autoral e sobre o momento adequado para sustentar a escrita de um roteiro do longa naquele estágio da minha vida.

Em paralelo, concentrei esforços na circulação do curta, buscando espaços que possibilitassem não apenas reconhecimento, mas sobretudo a viabilização concreta do projeto. Mesmo diante de sucessivas negativas, mantive-me comprometido com esse percurso, por compreender que ele se alinhava de forma mais coerente ao meu processo de formação enquanto roteirista. Foi nesse contexto que a participação em uma Rodada de Negócios⁹ possibilitou a ampliação da equipe, com a entrada do meu amigo e colega do curso Bruno Costa que iria atuar na produção, e a elaboração, pela primeira vez, de um material mais estruturado de planejamento, contemplando tanto aspectos logísticos quanto estéticos do curta. Apesar desses avanços, tornava-se cada vez mais evidente que a narrativa ainda carecia de uma organização mais sólida.

Esse impasse se intensificou após uma consultoria com um roteirista, cujas observações me levaram a revisitar, de maneira mais profunda, as escolhas que vinham orientando o projeto. As críticas recebidas não apenas suscitaram inseguranças em relação à escrita, mas também abriram espaço para dúvidas persistentes acerca do cerne da obra. Com isso, tornou-se claro que as transformações do roteiro ainda estavam em curso e que essa instabilidade criativa refletia, de modo indissociável, as mudanças que eu próprio atravessava enquanto autor.

⁹ Encontros organizados entre realizadores e profissionais do mercado audiovisual para apresentação e discussão de projetos.

3.1. Oportunidades à vista

A terceira versão do curta¹⁰ não houve mudanças significativas na estrutura narrativa, mas foram feitas modificações pontuais, principalmente relacionadas à redução de cenas, diálogos e à quantidade total de páginas. Nesse momento, os personagens somavam nove: Antônio, Pedro, Marli, Lia, José, Gilson, Neto e Fábio. Ainda assim, sentia que havia cenas demais para tão poucas páginas, o que poderia comprometer a produção do filme, pois ao reler o material, percebi que muitos personagens eram rasos e não acrescentavam à trama.

O roteiro contava com trinta e uma cenas distribuídas em apenas dez páginas, contando com a capa. A diminuição de cenas e páginas ocorreu, principalmente, a partir da exclusão de momentos envolvendo o pai de Antônio (como a cena em que ele observa o álbum de fotografias, revelando Agenor, e a interação com Lucas, neto de Lia). Essas alterações foram necessárias, mas acabaram impactando na complexidade do personagem José, surgindo apenas no início e desaparecendo sem qualquer impacto no restante da história.

Mesmo optando por manter a Marli, por acreditar que ela tinha potencial, percebi que sua presença não era essencial. Retirá-la se fazia vantajoso, já que sua participação não acrescentava à trajetória de Antônio. Lia, por sua vez, também era constantemente esquecida nos tratamentos seguintes, continuando sendo uma personagem sem relevância dramática.

Em relação a Pedro, nessa nova versão ele deixa de ser introduzido pelo patrão, com seu discurso expositivo, e passa a simplesmente surgir durante o almoço dos lavradores. O que me incomodava era sua aparição tardia (ele só entra 14ª em cena). Além disso, essa versão não conta mais com a presença do Pedro Imaginário, elemento que antes contribuía para a dimensão onírica de Antônio dentro da história.

Não é simples aceitar que a dúvida e a instabilidade fazem parte do processo criativo, sendo essas etapas naturais e recorrentes para qualquer artista em formação. O percurso de escrita de um roteiro, especialmente quando atravessa múltiplos tratamentos, é marcado por idas e vindas, revisões constantes e, muitas vezes, por inseguranças provocadas pela permanência de certos elementos que resistem às mudanças. Logo, nenhum artista começa sua obra com uma compreensão absoluta de seus propósitos. Se assim fosse, a criação se tornaria apenas um ato mecânico, desprovido de descoberta (Salles, 1998).

¹⁰ Disponível no apêndice.

A partir desse novo tratamento, passei a explorar oportunidades para difundir o projeto em diferentes espaços de desenvolvimento, inscrevendo-o na 2ª edição do Curto Criativo, um concurso nacional que valoriza roteiros originais em diversos gêneros, onde concorri na categoria drama, cujo prêmio incluía consultorias especializadas e valor em dinheiro. Também participei da segunda edição do concurso de roteiro do Rec Festival, que premiou projetos inéditos ou já realizados em ficção, documentário e animação. Além disso, submeti o projeto ao concurso de roteiros do 11º Fiacine – Festival Ibero-americano de Cinema, voltado a roteiros originais de curta, longa e pilotos de série, oferecendo premiações como o Troféu Mojica e consultorias.

Embora o roteiro não tenha sido selecionado em nenhuma dessas iniciativas, a participação em cada uma delas ampliou a minha consciência crítica sobre os processos de avaliação e reafirmou meu compromisso com o aprimoramento da escrita e da trajetória como realizador. A partir dessas experiências, passei a refletir de forma mais crítica sobre minhas escolhas narrativas e sobre o estágio de maturidade do projeto.

Entretanto, uma outra oportunidade importante surgiu com a Rodada de Negócios do Festival de Cinema de Marília, cujo objetivo era aproximar roteiristas de produtoras, distribuidoras, canais, plataformas de *streaming* e agentes do mercado audiovisual interessados em viabilizar novos projetos. Como fui selecionado tive a minha primeira experiência em participar de uma rodada desse tipo.

A preparação envolveu a elaboração de um *one pager*¹¹ e uma apresentação em slides, com tempo de 20 minutos para cada *pitching*. Dentre as produtoras presentes, destaque para Cinegoria, Cosmos e Olé, com trajetórias relevantes no audiovisual independente nacional. Apesar do nervosismo inicial, o formato mais informal, que se sucedeu às conversas, me deixou à vontade para apresentar a proposta com segurança.

No entanto, mesmo com retornos positivos vindo das produtoras, não houve retorno efetivo de parceria, o que atribuo, em parte, à localização geográfica das produtoras (a maioria concentrada no eixo Sudestino) e ao fato de o curta, por vezes, não ser visto como produto comercialmente atrativo nesse tipo de encontro. Ainda assim, a experiência foi valiosa e me proporcionou aprendizado prático e reflexivo perante a minha história.

¹¹ Documento de apresentação de um projeto audiovisual reunido em uma única página, com informações essenciais sobre a obra.

Portanto, as iniciativas surgidas ao longo desse processo, mesmo diante de diversas negativas, foram essenciais para que eu entendesse onde preciso melhorar e quais outros aspectos desenvolver na minha história. Ainda assim, participar da Rodada de Negócios foi uma experiência muito interessante, inclusive do ponto de vista narrativo. Esse exercício constante de contar sua história para alguém, em contextos diversos, faz com que se descubra novos potenciais da trama, além de perceber mudanças necessárias dentro do projeto. Agora, retomo a narrativa sobre o longa e os caminhos que ele percorreu durante o desenvolvimento do roteiro promovido pelo Marieta.

3.2. Marieta, uma rede de trocas

O projeto do longa *Antônio* foi selecionado para o Grupo de Desenvolvimento de Roteiro de Ficção, promovido pelo Centro Cultural Marieta. O grupo realizou, durante o segundo semestre do ano de 2024, encontros semanais on-line, com duração de 2h30, funcionando como espaço de troca horizontal entre roteiristas de diversas regiões do país. Nele, os participantes apresentam projetos em diferentes estágios e recebem retornos críticos, em um ambiente seguro e estimulante. Essa dinâmica permite o tensionamento da estrutura narrativa, dos personagens e de suas motivações, além de fortalecer uma rede de criadores comprometidos com a escuta, o diálogo e a criação coletiva, contribuindo para o amadurecimento do projeto.

Ao analisar o Mapa de Apresentação¹² do projeto proposto pelo Marieta, identifiquei semelhanças com a última versão apresentada no Lab_Indi, especialmente em elementos como logline, gênero, tema, sinopse e estrutura do argumento. Entre as referências utilizadas, destaquei *Tom na Fazenda* (2013, dirigido e roteirizado por Xavier Dolan), *Boi Neon*, *Deserto Particular* e *Brokeback Mountain* (2005, dirigido por Ang Lee, adaptação do conto homônimo de Annie Proulx e roteirizado por Diana Ossana e Larry McMurtry), obras que dialogam com a temática LGBTQIAPN+ e a relação da sexualidade com o espaço.

Em síntese, a nova versão do projeto mantém elementos centrais da última versão apresentada no LabIndi. Em essência, Antônio aborda as transformações subjetivas do protagonista: primeiro, pela expectativa em Pedro; depois, pela libertação dolorosa e inesperada proporcionada pela relação com Tiago. A chegada de Pedro desperta em Antônio sentimentos que o fazem confrontar sua própria sexualidade. No entanto, ao decidir se

¹² Disponível no apêndice.

assumir, ele é rejeitado por Pedro, o que o leva ao isolamento. A partir desse afastamento, surge Tiago, um jovem documentarista que investiga a história do avô e acaba se aproximando de Antônio. Essa relação desperta nele um processo de libertação e aceitação, ainda que permeado por revelações familiares dolorosas. No desfecho, com a morte do pai, Antônio decide deixar sua cidade, encerrando um ciclo e abrindo caminho para um novo começo.

Na análise do áudio da minha apresentação, após a exposição sintética do projeto e dos aspectos pessoais que motivaram minha escrita, iniciaram-se os comentários dos integrantes do grupo. De forma quase unânime, os comentários destacaram a pouca elaboração do espaço, apesar de sua função como força antagonista central. Victor Rosa, coordenador do grupo, já familiarizado com a versão em curta — apresentada no Maré Narrativa (UFS) — iniciou sua contribuição trazendo referências pertinentes, como o livro *A Palavra que Resta* (2021, escrito por Stênio Gardel) e o filme *Moonlight* (2016, dirigido por Barry Jenkins e roteirizado por Barry Jenkins e Tarell Alvin McCraney). Ele ainda destacou a importância de melhor situar geograficamente a narrativa, sobretudo por tratar de masculinidades. Segundo ele, experiências vividas no interior do Ceará, por exemplo, diferem daquelas do interior de Pernambuco, e esse contexto deve estar evidente.

A participante Moni destacou a maneira como o tema da solidão permeia os personagens, sendo perceptível em diferentes camadas da narrativa. Sugeriu uma alteração na logline que já incluísse a exposição feita por Pedro ao revelar a sexualidade de Antônio, além de propor uma reflexão: *como a cidade reage a esse acontecimento?* Clara, por sua vez, sugeriu uma reestruturação que iniciasse a história com a chegada de Tiago, após a revelação feita por Pedro. Nesse novo arranjo, Tiago, movido pela curiosidade, poderia documentar os boatos locais em estilo *mockumentary*¹³, desenvolvendo sua relação com Antônio ao longo do processo.

Já Maria apontou lacunas importantes, sugerindo maior aprofundamento do passado de Antônio: *se já teve relacionamentos, como vive sua sexualidade, quais suas relações sociais e como é percebido pela comunidade?* Observou ainda que Tiago, apesar do potencial narrativo, desaparece de forma abrupta, o que enfraquece sua função transformadora. Além disso, criticou a mudança repentina de Pedro, que passa de acolhedor a machista e

¹³ Obra ficcional que utiliza a linguagem do documentário para construir uma narrativa simulada.

homofóbico, sem uma transição convincente. Bruny complementa ao dizer que Tiago não precisa funcionar como um espelho para Antônio, ressaltando que o protagonista não precisa se afeminar para vivenciar sua sexualidade, propondo uma abordagem menos estereotipada e mais complexa dessa transformação. Isso me fez lembrar da fala de Naíra quando ela apontou que a libertação de Antônio não dependesse necessariamente da sua saída geográfica, e sim de um processo interno, como em *Boi neon*, no qual o protagonista permanece no espaço rural enquanto busca autoconhecimento.

Sobre Tiago, Naíra ainda fez uma das contribuições mais relevantes da sessão: ao apresentá-lo como sudestino e símbolo de liberdade, o roteiro poderia incorrer em uma representação estereotipada, na qual o personagem do Sudeste assume o papel de “salvador da pátria” frente ao nordestino. Além disso, ela posicionou-se contra a leitura homoerótica da relação entre Agenor e José, sugerindo, em vez disso, a exploração da admiração que homens heterossexuais nutrem pela masculinidade. Propôs que a dinâmica entre os personagens poderia se fundamentar nesse tipo de vínculo, não necessariamente afetivo ou sexual. Sobre isso, houve diversos comentários convergentes.

Maurício, por fim, ofereceu uma leitura estrutural do projeto, alinhando-o à narrativa clássica: Tiago como mentor, Pedro como incidente incitante, a briga com Tiago como ponto médio e a conversa com o pai, no leito de morte, como clímax. No entanto, ele observou que, apesar de ter a mesma idade de Antônio, não percebeu maturidade suficiente nas ações do protagonista, o que pode comprometer a identificação com o público da mesma faixa etária.

Com isso, finalizei agradecendo as contribuições, esclarecendo dúvidas sobre a partida de Tiago, as relações entre Agenor e José e a sexualidade de Pedro. Reforcei que o projeto ficcionaliza um povoado nordestino conservador, onde a chegada de Tiago causa estranhamento. Defendi a imaturidade de Antônio como reflexo de uma adolescência sexual tardia comum entre homens gays. Concordei em antecipar a entrada de Tiago na narrativa e admiti que a saída de Pedro pode ser revista.

Receber contribuições tão diversas de pessoas com formações e experiências tão distintas cria uma rede rica de ideias, gerando uma tensão criativa e satisfatória diante das múltiplas facetas da narrativa que desejo contar. O Grupo de Desenvolvimento do Marieta é esse lugar em que as histórias são ouvidas, criticadas e acolhidas de uma forma sempre muito respeitosa. Agora, no entanto, volto o foco para o processo de escrita e imersão no

curta-metragem, etapa em que comecei a desenvolvê-lo de forma mais aprofundada, como um projeto mais estruturado.

3.3. Um primeiro passo para o amadurecimento

Ainda com base no terceiro tratamento do curta *Antônio*, surgiu a oportunidade de submeter o projeto a um novo laboratório: à Clínica e à Rodada de Negócios do TranforME, uma plataforma de mercado voltada para projetos com temáticas e pessoas LGBTQIAPN+. Esse foi um importante primeiro passo para estruturar o meu projeto com um viés mais profissional.

Aqui, a ideia de realizar o curta já era mais consistente, principalmente porque eu contava com um o meu amigo e colega de curso Bruno Costa que assumiria o papel de produtor. A 3ª Clínica de Projetos de Curta visou apoiar produtores e diretores LGBTQIAPN+ no aprimoramento de seus projetos, oferecendo mentorias especializadas com profissionais do audiovisual. Já a Rodada de Negócios objetivava aproximar os projetos selecionados à produtoras que talvez tivessem interesse em firmar uma parceria. A partir disso, Bruno e eu elaboramos o material exigido para participar de ambos os projetos¹⁴.

No conceito criativo, ainda marcado por incertezas quanto à função de diretor, a proposta foi construída com base nas minhas vivências e no desejo de representar, no projeto, uma abordagem estética e narrativa que transite entre o denotativo e o simbólico. A partir de agora o filme seria ambientado em um interior sergipano, pois Sergipe era o estado em que eu residia atualmente e onde seria mais viável a realização do projeto. O não-pertencimento de Antônio se manifesta nas ausências e vínculos frágeis com o pai, colegas de trabalho, tia e, de forma mais ampla, com o próprio espaço rural que habita.

A proposta estética parte de uma abordagem observativa, com câmera fixa, planos longos e enquadramentos inicialmente fechados que se expandem à medida que Antônio se envolve com Pedro, refletindo a abertura de seu mundo interno. A luz naturalista e difusa relaciona-se com direção de arte realista e uma paleta em tons de laranja e azul, com cores pontuais como verde, vermelho e amarelo para destacar personagens e tensões. Figurinos e cenografia seguem a mesma linha realista, com interferências cromáticas para evidenciar distâncias emocionais e desconfortos. O som assume papel narrativo central, preenchendo a ausência de diálogos por meio de ruídos ambientes, silêncio e uma trilha pontual,

¹⁴ Disponível no apêndice.

especialmente na cena final. A montagem alterna planos longos com cortes diretos, crescendo de uma cadência contemplativa até um clímax intenso, encerrando-se de forma aberta e reflexiva.

No plano de financiamento, buscamos captar recursos pela Lei de Incentivo da PNAB¹⁵ de Sergipe, em âmbito estadual e municipal, estimando o orçamento inicial em R\$ 65.920,00, mesmo sem edital publicado até o momento. Já a estratégia de difusão prioriza a circulação em festivais com temática LGBTQ+, voltados a um público jovem e adulto a partir dos 16 anos, majoritariamente masculino, mas também aberto a outros gêneros, incluindo plataformas de streaming e festivais que valorizem dramas, romances e narrativas LGBTQIA+, com foco na diversidade e autenticidade.

Com o resultado divulgado, percebemos que não fomos selecionados para a Clínica, mas conquistamos uma vaga na Rodada de Negócios, onde apresentamos o projeto a diversas produtoras nacionais, como Ocean Filmes, Filmes de Apartamento, Tarrafa, O Par, Fistaile e Cardume. Todas se mostraram acolhedoras, trazendo comentários pertinentes sobre narrativa, produção e público-alvo. Um dos sócios de uma dessas produtoras, cujo nome não me recordo, chegou a demonstrar interesse na ideia de vincular o curta a um longa em desenvolvimento, sugerindo inclusive o título *Quando a chuva passar*. Na época, eu ainda acreditava que *Antônio* era o título ideal, mas aquela sugestão fez sentido depois quando me deparei com uma nova adaptação do curta para conto. Explicarei esse processo adiante. Portanto, não enviei o projeto para nenhuma dessas produtoras, pois justamente ele passou por essa mudança significativa em que não fazia mais sentido insistir naquela versão apresentada durante o *pitching*.

Esse processo me fez parar para compreender meu projeto de forma mais imersiva. Redigir um documento que discuta aspectos artísticos, lógicos e produtivos gera dificuldades iniciais, mas mesmo não sendo selecionado para a Clínica — meu objetivo principal — senti satisfação por dar esse novo passo, que, apesar das inconsistências, evidenciou melhor a essência da minha ideia e me fez refletir sobre os caminhos possíveis. Inclusive, isso me levou a uma nova pergunta: eu estaria realmente preparado para escrever um longa?

¹⁵ A Política Nacional Aldir Blanc (PNAB) é um mecanismo permanente de fomento à cultura no Brasil, instituído para garantir repasses contínuos de recursos federais a estados e municípios, com o objetivo de apoiar agentes culturais, projetos e ações no setor artístico-cultural.

3.4. O dilema do longa-metragem

A terceira versão do argumento¹⁶ do longa Antônio possui sete páginas e foi escrita para participar do laboratório de argumentos sergipanos Vem de Sergipe Lab e do concurso de argumentos do Roteiros e Narrativas. Essa versão buscou ampliar o universo apresentado nas anteriores, delineando com mais clareza o ambiente, os conflitos e a complexidade emocional dos personagens. Representou um passo mais maduro no desenvolvimento do enredo e na consolidação da proposta estética do projeto, embora eu ainda sentisse algumas inseguranças quanto à escrita de um longa e à sustentação narrativa exigida por esse formato.

Agora a relação entre Pedro e Antônio se desenvolve gradualmente, com sinais de tensão e intimidade. Entretanto, em uma noite de São João, Antônio resolve beijar Pedro inesperadamente, ocasionando em uma rejeição pela parte de Pedro, além de expor isso aos seus colegas de trabalho, gerando um isolamento de Antônio. Paralelamente a isso, Tiago, um jovem *queer* aracajuano, chega ao povoado a fim de documentar a vida do seu falecido avô Agenor, o qual ele descobriu a sua homossexualidade recentemente, mas Tiago enfrenta resistência da comunidade. Ao buscar informações com José é recebido com apatia, e a tensão cresce quando Antônio o expulsa da sua casa com insultos homofóbicos.

Em um outro momento Antônio reencontra Tiago que revela ter desistido do documentário e em um tom de desafio convida Antônio para um show em sua casa, onde ele se apresenta como a drag queen Jaqueline A'Cis. Antônio, inicialmente desconfortável, passa a frequentar as apresentações e se permite experimentar sua própria subjetividade, chegando a se montar. No entanto, a chegada inesperada de Pedro e os outros lavradores durante uma dessas experiências geram um momento de grande tensão. Apesar disso, Antônio e Jaqueline se aproximam afetivamente.

Um dia, frustrado com aquele lugar, Tiago decide voltar para a sua cidade. Na véspera da partida de Tiago, eles compartilham uma performance íntima seguida de uma relação sexual. Após esse encontro, alguns eventos já existentes nas versões anteriores reaparecem: a conversa entre Antônio e o pai, seguido pela morte de José, mas agora com a agravante da descoberta de Antônio perante as cartas de amor entre seu pai e Agenor. O filme se encerra com Antônio desenhando duas drags, representando a si mesmo e Tiago, sugerindo uma reconciliação com sua identidade.

¹⁶ Disponível no apêndice.

Dito isso, o Vem de Sergipe LAB é o primeiro laboratório dedicado ao desenvolvimento de roteiros de longa de ficção com foco exclusivo em projetos sergipanos. Realizado pela produtora sergipana Rolimã Filmes, como parte do festival de cinema Sercine, a iniciativa visou conectar roteiros originais de autores estreantes de Sergipe ao mercado audiovisual nacional, promovendo histórias locais nas telas brasileiras. Entretanto, o meu projeto não foi selecionado para esse laboratório. Ademais, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da minha escrita, foi me enviado alguns comentários bem pertinentes dos pareceristas do laboratório.

Os pareceristas reconhecem o potencial da proposta e elogiam a estrutura clara da narrativa. Um deles ressalta que, apesar do personagem Antônio aparentar estar resolvido com sua sexualidade, seria interessante trabalhar também um conflito interno mais profundo, sugerindo que o personagem, em algum nível, ainda a repudie. Isso tornaria sua jornada de auto aceitação mais densa e impactante. O outro parecerista reforça a importância de melhorar a entrada de Tiago na trama e questiona a sua justificativa de seu desejo em tirar Antônio do armário. Aponta também que a relação entre José e Agenor merece ser desenvolvida com mais sensibilidade, e destaca a necessidade de integrar melhor os personagens coadjuvantes à narrativa principal para fortalecer a autenticidade do universo criado.

No Concurso de Argumento do Roteiros e Narrativas 2024, em parceria com a LSG Produção Audiovisual, o objetivo era reconhecer e qualificar bons argumentos de ficção ainda em desenvolvimento, abrindo portas para sua realização. Fiquei satisfeito em ver que o argumento de *Antônio* foi reconhecido por sua estrutura sólida, com um arco bem definido que acompanha a jornada emocional do protagonista em um contexto rural conservador. Foi sugerido que o título poderia ganhar mais força com um subtítulo que revelasse o processo de autodescoberta, além de uma logline mais impactante destacando o embate entre repressão e desejo, como na sugestão: “Em um ambiente rural conservador, um trabalhador reprimido descobre sua sexualidade ao se apaixonar por um colega de trabalho, desafiando normas sociais e enfrentando seus próprios preconceitos.

As sugestões também apontaram para o aprofundamento do conflito interno de Antônio, especialmente na tensão entre seus desejos e as normas sociais. Reforçaram a importância de explorar as consequências de suas escolhas na comunidade, desenvolver com mais densidade os dilemas de Pedro, a motivação de Tiago e a relação de Antônio com o pai. Foi recomendado ampliar o repertório de referências, incluindo obras que abordam a vivência

queer no Brasil com profundidade como *Praia do futuro* (2014, dirigido por Karim Aïnouz e roteirizado por Karim Aïnouz e Felipe Bragança) e *Madame satã* (2002, dirigido Karim Aïnouz por e roteirizado por Karim Aïnouz, Marcelo Gomes, Sérgio Machado).

Do ponto de vista mercadológico, foi encorajador perceber que o projeto apresenta potencial para circular em festivais e plataformas de *streaming* voltadas a narrativas LGBTQIAPN+ com forte recorte regional. O orçamento enxuto e o tom intimista foram vistos como atrativos para produtoras independentes. Com os ajustes propostos, senti que o projeto se aproximava cada vez mais de se tornar um filme sensível, potente e necessário.

No entanto, durante esse processo, percebi que talvez não fosse viável focar na escrita de um longa neste momento da minha carreira, pois demanda diretrizes e maturidade narrativa que ainda estou construindo. Optei por me dedicar ao curta, um formato mais direto e viável de realizar com os recursos e experiência que tenho agora. Diante disso, decidi guardar o projeto do longa na gaveta, com a intenção de, quem sabe no futuro, retomá-lo com uma nova abordagem, mais amadurecida. Agora, quero compartilhar outro processo decisivo e muito importante na construção do meu curta.

3.5. Um banho de água fria

Após perceber a necessidade de sintetizar melhor a narrativa, escrevi o quarto tratamento¹⁷ do curta *Antônio*, agora com trinta cenas distribuídas em onze páginas. A nova versão reduziu o número de personagens para sete: Antônio, Pedro, José, Lia, Gilson, Fábio e Neto, eliminando figuras que, embora interessantes, não exerciam função ativa na trama, como Marli. O contexto de cuidar do pai, dos afazeres domésticos e seus momentos de lazer desenhando corpos masculinos permaneciam na trama. O aplicativo de encontros, que me soava deslocado e genérico no contexto, foi excluído, fortalecendo a coerência narrativa.

A construção das cenas visava aprofundar gradualmente a intimidade entre Antônio e Pedro, articulada no ambiente de trabalho. Até chegar o momento em que Antônio oferece carona em sua moto, e durante o trajeto, Pedro fala sobre sua vida na cidade e tenta quebrar o silêncio do colega. Todas essas situações são narradas pela perspectiva de Antônio e seu desejo contido, culminando na cena em que os funcionários recebem o convite de Gilson para um bar, repetindo o desfecho dos tratamentos anteriores.

¹⁷ Disponível no apêndice.

Com essa nova versão em mãos, planejava submetê-la ao Grande Prêmio de Roteiro do Festival de Cinema de Sorocaba, voltado a projetos inéditos nas categorias de longa, curta e piloto de série. A proposta do prêmio é dar visibilidade a roteiristas de todo o Brasil. As inscrições não eram gratuitas e ainda pensava em pagar uma taxa extra para receber *feedback*. Entretanto, no meio do caminho, acabei tendo uma consultoria com Matheus Cenachi, um colega que conheci em 2024, durante um curso de roteiro, on-line, promovido pelo Festival das Artes de São Caetano do Sul (FASCS), na qual a sua contribuição foi a mais emblemática até aquele momento.

Matheus destacou a necessidade de situar melhor os personagens no espaço, especificando para onde se movem, e chamou atenção para o excesso de personagens em um curta de dez minutos, sugerindo a retirada de José e Lia por não contribuírem ativamente para a trama. Reforçou que Antônio precisa ser mais bem construído, especialmente em relação à sua idade, que não condiz com suas ações, e apontou a ausência de visualidade nas cenas, além da falta de clareza no tom narrativo, que parece tender ao drama. Ele também enfatizou a importância de encontrar um estilo de escrita mais específico e envolvente, com ganchos fortes que prendam o leitor desde a primeira página.

Em termos gerais, observou o uso excessivo de palavras formais, problemas de ortografia e a presença de diálogos expositivos ou incompletos. Criticou também a escolha de idades com números quebrados, que soam pouco profissionais, e o uso de palavras em caixa alta para dar ênfase, considerado um recurso pobre. Recomendou explicitar melhor os sentimentos dos personagens por meio de expressões corporais e descrições mais sensíveis, para gerar maior conexão emocional com o leitor.

As observações apontaram para uma estrutura narrativa excessivamente repetitiva, marcada pela monotonia da rotina e pela falta de variação entre as cenas, o que demandaria um maior cuidado na descrição e diferenciação de cada situação, além de uma reflexão mais crítica sobre a circularidade recorrente no cinema independente brasileiro, buscando uma abordagem mais singular. Nesse sentido, foi sugerido o aprofundamento da relação entre os protagonistas por meio de gestos, olhares e toques que evidenciem, de forma mais sutil, a construção da intimidade, bem como a utilização de referências que escapem de estruturas tradicionais. Essas provocações me levaram a repensar a forma como vinha abordando o tema da sexualidade reprimida, questionando sua originalidade e potência narrativa, sobretudo a

partir da inquietante indagação: o que permanece do filme quando se retira o elemento da “representatividade”?

No meu processo, percebo que a crítica frequentemente antecede o bloqueio criativo, e, embora a consultoria tenha sido uma experiência formativa, ela me fez sair com a sensação de que o projeto carecia de uma estrutura verdadeiramente consistente, o que gerou um profundo abalo na segurança que eu até então tinha sobre a história. Salles (1998) compreende o tempo como um elemento estruturante do processo criativo, marcado pela sobreposição de camadas e por sucessivas transformações. A partir dessa perspectiva, reconheci a necessidade de instaurar um distanciamento em relação ao roteiro, permitindo que ele atravessasse um período de maturação. Essa decisão implicou suspender temporariamente algumas investidas do projeto e possibilitou perceber que, naquele momento, a narrativa ainda se configurava mais como um conjunto fragmentado de cenas do que como uma obra organicamente consolidada.

No entanto, há um detalhe interessante sobre a consultoria com Matheus que permaneceu em minha memória: ele não fez nenhuma crítica à parte final do último ato, especificamente à cena em que Gilson convida os colegas para o bar, até o momento da chuva em que Pedro descansa a sua cabeça no ombro de Antônio. Aquela sequência passou ilesa às observações, o que me deixou intrigado. Seria um sinal de que ali havia uma potência narrativa ainda não totalmente explorada?

4. A SÍNTESE DA SÍNTESE

Algumas mudanças doem e, inevitavelmente, instauram dúvidas sobre qual caminho seguir. Naquele momento do processo, a palavra síntese passou a ocupar um lugar central nas minhas reflexões. Tornava-se necessário compreender não apenas os personagens e a minha relação com a história, mas, sobretudo, questionar qual narrativa eu realmente desejava sustentar.

Diante desse impasse, o silêncio revelou-se uma escolha estratégica. Foi nesse intervalo de suspensão que surgiu uma possibilidade concreta de materialização do projeto: a transposição do curta-metragem para a forma do conto literário. A partir de um fragmento correspondente ao último ato do filme, elaborei uma nova versão de Antônio, agora sob o título *Quando a chuva passar*, deslocando a narrativa para outro suporte e instaurando novas camadas de sentido.

A partir dessa experiência, abriram-se diferentes oportunidades de publicação, as quais procurei explorar de forma contínua. Ainda que algumas tentativas não tenham se concretizado, o aspecto mais relevante foi a constatação de que o processo criativo permanecia ativo e em transformação. Nesse movimento, reconheci a possibilidade de alcançar uma síntese capaz de dialogar com a proposta original, mesmo quando ela parecia prestes a se esgotar. Essa materialização literária não apenas conferiu maior clareza ao projeto, como também deu corpo e forma ao que, até então, existia de maneira difusa e instável.

4.1. Inicia-se uma jornada literária

Após a consultoria com Matheus Cenachi, decidi me afastar temporariamente da história para ganhar distanciamento crítico e refletir sobre como avançar diante do marasmo narrativo que enfrentava. Entretanto, mesmo fisicamente longe do roteiro, minha mente seguia ocupada pela trama e seus conflitos, até que, quase intuitivamente, comecei a esboçar uma nova estrutura em um bloco de notas no celular. Essa organização improvisada foi o primeiro passo concreto para reordenar a narrativa e destravar o processo criativo. Logo, a concretude dos rascunhos está relacionada com a materialização da obra, ocasionando o seu desenvolvimento por meio de uma contínua metamorfose (Salles, p.79, 1998).

Portanto, segue a seguinte sequência de ações para o desenvolvimento da nova estrutura:

- Abrir com cena de sexo entre Antônio e Pedro (a cena real do bar ou sonho, closes);
- Antônio acorda, exasperado; Em seguida, prepara seu café e pega a marmita;
- Antônio está no vestiário; Pedro e funcionários se trocam, Antônio observa Pedro enquanto outros funcionários falam do vídeo íntimo da menina;
- Antônio e Pedro no sítio colhendo laranjas;
- Funcionários almoçando; funcionários veem o vídeo da menina e Pedro chama Antônio para ver;
- Antônio pega a sua moto; Pedro a sua bicicleta;
- Em casa, Antônio prepara o jantar; assiste TV; desenha; se masturba;
- Fragmentos de sonhos eróticos de Antônio com Pedro;
- Antônio acorda atrasado e esquece a sua marmita;
- Antônio chega ao trabalho e já encontra Pedro trabalhando;
- No almoço, Pedro divide a sua marmita com Antônio;
- Antônio e Pedro trabalham;
- No fim da tarde o pneu da bicicleta de Pedro fura, Antônio oferece carona; Na estrada, Pedro segura na cintura de Antônio;
- Antônio se masturba no banheiro, gerando uma névoa do banho;
- Vemos nuvens espessas e volumosas no céu;
- Durante o almoço, Gilson chama funcionários para ir a um bar;
- No bar todos bebem, Pedro chama Antônio para dançar;
- Pedro vai ao banheiro com Antônio;
- Antônio imagina transar com Pedro;
- Pedro deita no ombro de Antônio enquanto a chuva cai.

Além disso, registrei pontos que precisavam de mais atenção, a fim de conferir maior profundidade aos personagens e à narrativa como um todo: Antônio enfrentava luto silencioso pela morte do pai que precisava reverberar simbolicamente em suas ações; a dinâmica da masculinidade que deveria ser explorada na relação de Antônio com Pedro e também com os colegas de trabalho; além da tensão sexual que permeia os protagonistas que deveria ser construída com atenção aos detalhes, aos gestos, aos olhares, aos diálogos e também nos silêncios, para que o desejo pudesse emergir de forma orgânica e potente. Todas essas

questões precisavam ser trabalhadas dentro de um espaço narrativo muito curto, o que exigia ainda mais precisão nas escolhas narrativas. Apesar disso, de acordo com a escaleta¹⁸ que fiz no celular, eu não acreditava que tinha, de fato, uma história potente suficiente para ser contada.

Entretanto, algo inesperado aconteceu. Em um sábado qualquer, estava eu de férias na casa dos meus pais, explorando o Instagram, e me deparei com uma convocatória da antologia *Tecido de asfalto e terra*, da Editora Palavra Ferida, filial brasileira da editora espanhola Palavra Herida, que promove literatura contemporânea e experimental, estimulando o intercâmbio entre autores de língua portuguesa e espanhola. Para concorrer a essa chamada eu decidi adaptar o último ato do meu roteiro para a linguagem da literatura, que foi intitulado de *Quando a chuva passar*¹⁹.

Esse processo me trouxe uma nova perspectiva da história que eu queria contar. Havia uma vontade genuína em explorar aquele novo universo ainda desconhecido por mim.

O artista, impulsionado a vencer o desafio, sai em busca da satisfação de sua necessidade. Ele é seduzido pela concretização desse desejo que, por ser operante, o leva à ação. O artista é atraído pelo propósito de natureza geral e move-se inevitavelmente em sua direção. A tendência é indefinida mas o artista é fiel a essa vagueza. O trabalho caminha para um maior discernimento daquilo que se quer elaborar. A tendência não apresenta já em si a solução concreta para o problema, mas indica o rumo. O processo é a explicação dessa tendência. (Salles, 1998, p. 29).

A história gira em torno de lavradores que vão a um bar após o trabalho. Antônio e Pedro sentem uma atração reprimida que se intensifica ali, até que Pedro o convida para dançar. Depois, no banheiro, Antônio imagina consumir o desejo, mas tudo não passa de um devaneio. De volta à mesa, Pedro adormece no ombro de Antônio enquanto uma tempestade cai do céu, simbolizando o desejo não realizado.

Em janeiro de 2025, recebi a confirmação da aceitação da Palavra Ferida do meu conto. Avaliado com nota oito pelo júri foi destacado a carga emocional e a abordagem do desejo reprimido, das dinâmicas de poder e atração na classe trabalhadora, atributos que, segundo eles, conferem fluidez e envolvimento à narrativa. Participar deste projeto possibilitou a materialização do meu trabalho, além de repensar minha própria narrativa.

¹⁸ Organização resumida da narrativa em cenas ou blocos, utilizada como etapa preparatória da escrita do roteiro.

¹⁹ Disponível no apêndice.

Percebi, então, com relação ao meu roteiro, a necessidade de enxugar a trama, concentrando-me no que realmente era essencial e abrindo mão de elementos e personagens que, nas versões anteriores, eu considerava indispensáveis. A trama paralela com o pai de Antônio, a solidão presente na sua rotina e as questões com a tia deixaram de fazer sentido após a adaptação para o conto; parecia que a própria história havia me mostrado o rumo que ela queria seguir a partir dali. Ao compartilhar essa nova versão com meu produtor, Bruno Costa, ele sugeriu que o próprio curta fosse filmado exatamente assim. A partir desse momento, comecei a ser profundamente impactado por essa possibilidade.

Dá em diante eu comecei a apostar nesse novo formato como forma de difundir o meu projeto para outras antologias. A Mostra de Literatura promovida pela 14ª Bienal da UNE: Festival dos Estudantes, que ocorreu entre janeiro e fevereiro de 2025, em Recife e Olinda, reuniu mais de 10 mil estudantes. A Mostra aborda temas como ancestralidade, sustentabilidade, afetos e territorialidades. Logo, meu conto foi selecionado e, segundo uma das organizadoras, figurou entre os mais bem avaliados. Em Recife, vivi a experiência de ter uma obra publicada em livro impresso na antologia *A palavra é como fogo*.

O Prêmio BRASILÊ 2025, tinha como foco contos com uma extensão máxima de trinta linhas, o que me levou a adaptar meu texto original para atender a essa exigência²⁰. A ação é promovida pela Editora Articule, uma coletânea nacional de literatura que visa reunir autores de todo o Brasil e brasileiros residentes no exterior, teve seu lançamento durante a Bienal do Livro, em Rio de Janeiro, no ano de 2025. A antologia contempla textos nos gêneros conto, poesia e crônica, premiando os três primeiros colocados de cada categoria. Todos os autores tinham direito a um período de autógrafos no estande da editora durante a Bienal, realizada em junho de 2025. Infelizmente, não pude comparecer por conta das demandas orçamentárias, mas ser aprovado nesse projeto foi também uma grande realização.

Houve algumas outras negativas de várias iniciativas literárias na quais submeti meu conto, mas uma que foi marcante pelas críticas feitas e que, além de tudo, me ajudou a repensar alguns elementos narrativos da minha história, foi a da Revista Alinhavos. O projeto de extensão Mãos&Obras da Universidade Federal do Pará dedica-se à promoção da escrita literária e publicação de textos de escritores contemporâneos, por meio da Revista Alinhavos.

²⁰ Disponível no apêndice.

Os comentários do júri destacam a abordagem homoerótica é um pouco original, além de a prosa ainda carecer de desenvolvimento e sutileza, com descrições físicas excessivas dos personagens que traça o seu destino previsível desde a primeira cena. Também apontaram o uso clichê de cenas imaginadas pelo personagem como um ponto fraco. Ainda assim, reconheceram a força da ideia e a boa escrita, sugerindo um amadurecimento no estilo, com menos adjetivos e cenas mais vívidas.

Logo, lidar com críticas sempre foi um processo complicado para mim, principalmente porque esse conto já havia sido publicado anteriormente. Entretanto, compreendo que um processo de materialização dessa história já estava em curso, e todas as contribuições desenvolvidas a partir dessa narrativa literária contribuíram fortemente para que eu pudesse entender qual história poderia ser contada e quais recortes específicos poderiam estar atrelados a essa dimensão espacial e narrativa. Foi assim que consegui aprofundar e sintetizar tudo o que eu almejava contar. Foi por meio disso que elaborei o quinto tratamento do meu roteiro.

5. TEMPO DE MATURAÇÃO

Paralelamente à escrita, emergiu a necessidade de construir uma proposta visual coerente, uma vez que a direção do projeto também se colocava como um desejo e uma responsabilidade. Era fundamental que essa visão estivesse clara, tanto no campo da imaginação quanto no próprio roteiro. Como é próprio dos processos criativos, esse momento foi atravessado por bloqueios, hesitações e revisões constantes; no entanto, compreendo hoje que são justamente esses impasses que amadurecem a obra, conferindo-lhe densidade e consistência.

Foi também nesse período que o projeto passou a circular de forma mais concreta em espaços de troca e desenvolvimento. A participação em uma rodada de negócios promovida pelo 2º Fórum Audiovisual dos Interiores da Bahia e, posteriormente, a seleção para um laboratório universitário de roteiro e produção, o NordesteLab, representaram avanços significativos para o curta, ampliando meu entendimento sobre os caminhos possíveis de realização no contexto do cinema brasileiro. As consultorias recebidas contribuíram para uma compreensão mais aprofundada não apenas da escrita, mas também das dimensões produtivas e executivas do projeto, aproximando o roteiro das condições reais de sua materialização.

Ao longo desse percurso, múltiplas versões foram elaboradas até a chegada ao oitavo tratamento. Embora o foco estivesse centrado no roteiro, foi a circulação do conto em uma antologia temática que me permitiu estabelecer um distanciamento crítico em relação à obra, favorecendo uma nova leitura de suas estruturas e temas. Esse deslocamento foi fundamental para a reformulação de aspectos essenciais da narrativa e para a construção de um desfecho mais claro e coerente.

Este capítulo, portanto, é central para a compreensão do meu fazer roteirista, que ultrapassa a simples elaboração de um filme. Os atravessamentos vivenciados ao longo desse processo me permitiram revisitar experiências, reelaborar sentidos e compreender que a relação entre obra e o autor se constrói de forma indissociável.

5.1. Escrever é um ato de contínuas incertezas

O roteiro do quinto tratamento²¹ do curta *Quando a chuva passar* contava com cinco páginas, incluindo a capa, distribuídas em nove cenas, com um total de três personagens centrais (Antônio Pedro e Gilson, como coadjuvante), além de figuração. A escrita do roteiro ainda se apoia em poucos diálogos e em uma linguagem mais direta, sem se estender demasiadamente nos direcionamentos dos personagens e nem nas suas ações.

Em resumo, tratava-se da mesma história apresentada nos contos: Pedro e Antônio trabalham juntos e aparentemente nutrem uma atração um pelo outro, sem terem coragem de expor-a, até o dia em que vão a um bar com outros colegas de trabalho. A visão da narrativa se concentra unicamente em Antônio que mantém uma tentativa de realizar o desejo, que não se concretiza. Ainda assim, esta era a versão mais enxuta e consistente que eu tinha em mãos até aquele momento.

Ao revisar a narrativa e a estrutura do roteiro, percebi vários problemas, principalmente na construção dos personagens. Sinto que ainda desconheço nuances importantes da personalidade de Pedro, o que dificulta desenvolvê-lo sem repetir os mesmos conflitos que atravessam Antônio, especialmente no que se refere à sexualidade. Pedro, desde o início, é concebido como um personagem misterioso, justamente esse mistério é o que atrai Antônio; porém, percebo que ainda não consigo responder a perguntas fundamentais sobre ele: Pedro é gay ou apenas simula interesse? O que ele quer com o Antônio? O que realmente o impede de se envolver com Antônio?

Além disso, sinto falta de uma tensão mais clara e pulsante em torno do desejo de Antônio por Pedro, já que esse elemento é central para sustentar a força dramática da narrativa. Apesar de Antônio ser um personagem mais desenvolvido, ele ainda me parece contido demais, sem uma identidade suficientemente forte que justifique suas escolhas e ações. Além disso, não está claro qual o conflito que une as trajetórias de Antônio e Pedro. Seria apenas a tensão sexual que ambos sentem, mas não conseguem expressar por conta do contexto em que vivem? Se for, receio que isso soe clichê e pouco original.

Compreendo também que preciso desenvolver com mais clareza uma proposta de linguagem visual para o filme, especialmente por se tratar de um projeto que pretendo dirigir. Essa perspectiva tem me levado a refletir sobre minha própria capacidade de assumir a

²¹ Disponível no apêndice.

direção. Pergunto-me, com frequência, se possuo aptidão para essa função. Apesar das dúvidas, estou comprometido em estudar a arte de dirigir com mais afinco e seguir trabalhando na escrita do projeto para que ele alcance maior consistência.

Há ainda cenas que carecem de definição visual e de motivação dramática. A cena do banheiro, por exemplo, me parece pouco verossímil: não há um gatilho emocional claro que justifique o momento em que Pedro permite que Antônio o observe urinando. A presença dos demais trabalhadores também é inconsistente: ora aparecem, ora somem, sem que isso contribua efetivamente para a trama. O mesmo acontece com o uso da chuva, que carece de função narrativa clara. O final, em que a chuva cessa para dar lugar a um beijo entre os protagonistas, soa forçado e compromete o impacto emocional que vinha sendo construído.

Diante de tudo isso, eu percebo que cheguei a um ponto do processo criativo que posso descrever como um limbo de ideias desconexas, em que nenhuma solução parece satisfatória. Em certos momentos, surge um desejo, quase impulsivo, de abandonar o projeto e partir para outro que, à primeira vista, parece mais promissor. Trata-se de um momento catártico, que faz emergir questões pessoais profundas, frequentemente relacionadas à minha própria criatividade e inseguranças.

Percebo que a preocupação excessiva com a estrutura tem me colocado em crise. Diante disso, decidi retornar ao argumento inicial desta nova versão e reavaliar com calma o que já escrevi. Tenho procurado entender o que quero aprimorar, no que desejo investir e quais aspectos ainda me instiga. Sinto, por fim, que é preciso revisitar minhas referências, buscando nelas os elementos que podem orientar a história de maneira mais coerente e sensível. Entretanto, havia uma luz no fim do túnel.

5.2. Coincidências acontecem

Depois de várias tentativas frustradas de inscrever este projeto em diferentes laboratórios²², nos quais na maioria não fui selecionado, o quinto tratamento do meu roteiro finalmente foi aprovado para participar da Rodada de Negócios promovida pelo 2º Fórum Audiovisual dos Interiores da Bahia. Essa iniciativa tem como objetivo principal aproximar realizadores do interior da Bahia de diversos players do mercado, criando oportunidades por meio de encontros diretos, rodadas de negócios e sessões de pitching. Foi nesse contexto que

²² O grupo de desenvolvimento avançado do Marieta; além dos laboratórios: PanLab, Crista Lab, Casulo, Curta Lab, e Incuba Filme.

o meu projeto despertou o interesse da Audrey Filmes, uma produtora catarinense, criada em 2022, por Gutto Comide.

Minha reunião aconteceu exclusivamente com o próprio Gutto. Logo no início, fiz uma breve apresentação pessoal e contei a trajetória do projeto até aquele momento, destacando as etapas pelas quais ele já havia passado. Em seguida, conduzi a conversa de forma mais informal, narrando a história do começo ao fim, tentando evidenciar as nuances e camadas que a compõem. Fiz questão de ressaltar a relação íntima que mantenho com esse projeto, já que ele atravessa diferentes aspectos da minha vida e toca experiências afetivas que carrego comigo há muito tempo.

Em determinado momento, Gutto me perguntou se eu tinha uma versão em formato de longa. Respondi que sim, mas expliquei que ela estava engavetada, pois meu foco atual era o curta, por considerá-lo mais viável de realizar. Foi então que ele comentou que estava ansioso para conversar comigo porque havia sido um dos curadores do concurso de argumentos do Roteiros e Narrativas. Ele contou que leu uma história com personagens de mesmo nome, também trabalhadores rurais, mencionando elementos parecidos como o transporte pelo rio e o fato de um dos personagens ser fotógrafo.

Naquele instante, comecei a perceber a coincidência: Gutto havia sido curador justamente da edição do concurso de argumento promovido pela Roteiros e Narrativas, a qual eu e meu amigo e colega de curso, Wesley Carvalho, havíamos submetido nossos roteiros. O projeto ao qual ele se referia era, na verdade, uma mistura do meu com o do Wesley. Ambos tratam de homens gays maduros em processo de descoberta ou enfrentamento de sua sexualidade, além de compartilharem diversos elementos narrativos e estéticos que os aproximam de forma surpreendente. Fiquei um pouco atônito diante daquela revelação, mas preferi escutar em silêncio, curioso para entender o que ele queria dizer com aquilo.

Ele explicou que, no concurso, os curadores não têm acesso aos nomes dos roteiristas e que, como havia gostado muito das duas histórias, ficou se perguntando como poderia chegar até aqueles autores. Contou ainda que, assim que viu a sinopse do meu curta na lista da rodada de negócios, reconheceu imediatamente o material. Na sequência, compartilhou mais informações sobre a Audrey Filmes, explicando que a produtora está estruturando um núcleo voltado à produção de curtas LGBTQIAPN+, com foco na captação de recursos pela Lei Rouanet ainda neste ano. Diante desse cenário, combinamos de manter contato, tanto comigo

quanto com Wesley, já que havia um interesse verdadeiro em dar prosseguimento ao desenvolvimento dos dois projetos.

5.3. NoredesteLab, uma grata surpresa

O Laboratório Universitário, promovido pelo NordesteLAB, tem como objetivo apoiar gratuitamente estudantes universitários com matrícula ativa em cursos das áreas de comunicação, artes, cinema, audiovisual e afins, vinculados a instituições públicas ou privadas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. São selecionados até dez projetos de curta, nos gêneros de ficção ou documentário, ainda em fase de desenvolvimento. A proposta do laboratório é contribuir para a formação, o amadurecimento e a profissionalização desses projetos por meio de atividades formativas, consultorias criativas e de produção, além da preparação para o *pitching*. Ao final do processo, cinco projetos serão selecionados para uma etapa presencial em Salvador, onde serão apresentados a *players* do mercado audiovisual em um *pitching* competitivo com premiação em dinheiro.

Inscrevi o quinto tratamento do meu roteiro. No formulário de inscrição, buscamos destacar a trajetória profissional dos membros da equipe, composta por mim na direção e no roteiro, Bruno Costa na produção e Wesley Carvalho na assistência de direção. Além de apresentar os elementos obrigatórios, como *logline*, sinopse longa, argumento e outras informações gerais sobre o projeto. Tivemos especial cuidado na redação da carta de motivação, um dos critérios de seleção do laboratório. Nela, enfatizamos a nossa relação afetiva e criativa com a proposta, evidenciando como o projeto nasce de vivências atravessadas por questões identitárias, de pertencimento e desejo, refletidas na construção da história e dos personagens. Para minha surpresa, o projeto foi selecionado entre os dez escolhidos para a primeira etapa do Laboratório Universitário.

Para dar início à imersão no laboratório, participamos de algumas masterclasses voltadas ao mercado audiovisual, realizadas sempre nas manhãs de sábado, entre maio e junho. A primeira atividade foi conduzida por Paulo Barata, graduado em Comunicação Social e palestrante em formação audiovisual, que apresentou um panorama abrangente e estruturado do setor audiovisual. Em seguida, participamos de uma aula ministrada pela produtora Vânia Lima, que compartilhou aspectos relevantes da atuação profissional no mercado, com ênfase em sua experiência na cidade de Salvador. Posteriormente, fomos convidados a participar de outra masterclass, desta vez conduzida por Tayana Pinheiro,

editora e diretora executiva com atuação na região Norte. Ela abordou, de forma clara e objetiva, os desafios e estratégias de conciliar produções autorais com a prestação de serviços em produção audiovisual.

As aulas foram extremamente enriquecedoras, especialmente o encontro com a Plano 3 Filmes, coletivo baiano que compartilhou com generosidade seu método de criação, marcado pela liberdade e pela adaptação ao contexto local. Fundado em 2006, o grupo evoluiu de produções experimentais e processos amadores de distribuição para um modelo de realização mais enxuto, entendendo que equipes reduzidas e orçamentos modestos fortalecem a criatividade e a coerência estética dos filmes.

Obras como *Jonas e o circo sem lona* (2017, dirigido por Paula Gomes e roteirizado por Paula Gomes e Haroldo Borges) e *Saudade fez morada aqui dentro* (2024, dirigido por Haroldo Borges e roteirizado por Paula Gomes e Haroldo Borges) exemplificam essa abordagem documental dentro da ficção, com gravações cronológicas, atores não profissionais, ausência de roteiros compartilhados e takes únicos, resultando em filmes vivos, pulsantes e abertos ao improviso. Para eles, o roteiro é essencial, mas não intocável: ganha vida no set, molda-se ao imprevisível e se transforma a partir do real. Conhecer esse processo me fez compreender que a criação cinematográfica é mais simples e, ao mesmo tempo, mais profunda do que imaginamos, pois continua se reinventando muito além da escrita.

5.4. A jornada literária continua

O livro *Recortes da (R)existência*, promovido pelo LGBTQ+Spacey, reúne textos de diversos gêneros e experiências da comunidade LGBTIAPN+, com o compromisso de garantir qualidade e sensibilidade por meio de três etapas de revisão: geral, crítica e sensível. A revisão geral foca em aspectos gramaticais, coerência e fluidez; a leitura crítica avalia a estrutura narrativa, personagens e trama; já a leitura sensível analisa se a abordagem LGBTQIAPN+ é construída de forma respeitosa e responsável. Após essas etapas, os textos passam ainda por uma revisão final.

Meu conto foi submetido à revisão geral e à leitura crítica. Na primeira, foram indicadas correções ortográficas, ajustes de coerência e melhorias na estrutura de algumas frases. A leitura crítica destacou pontos fortes, como a ambientação, o trabalho com personagens mais velhos e a construção de tensões internas, mas também sugeriu intervenções pontuais para aprofundar o universo sexual e emocional da história.

No entanto, algumas alterações sutis foram consideradas necessárias para permitirem que o leitor mergulhasse mais profundamente nesse universo sexual, sensível e silencioso entre dois homens adultos. Como sugestão de padronização do ritmo, foi indicado que eu ajustasse algumas sentenças longas, a fim de conferir mais fluidez à leitura. Observou-se, em especial, que o trecho inicial estava significativamente mais denso e composto por frases extensas, em contraste com o restante da narrativa, o que gerava um certo desequilíbrio estrutural. Além disso, foi feito um apontamento sobre a repetição de palavras em determinadas passagens, o que comprometia a leveza da leitura. Essas correções visavam tornar o texto mais claro, direto e coeso, sem prejuízo da sua profundidade.

Um aspecto relevante foi a coesão entre descrições e ações. Algumas passagens exigiam maior clareza para o leitor compreender a relação entre os protagonistas, principalmente por Pedro permanecer pouco explorado em suas intenções e personalidade, o que fragilizava o conflito central. A revisão também apontou que certas sequências, embora cinematográficas, perdiam em fluidez literária por manter cortes abruptos típicos de roteiro, exigindo uma adaptação mais orgânica ao formato narrativo.

Por fim, questionou-se o título *Quando a chuva passar*, considerado incoerente com a proposta, uma vez que os principais acontecimentos se dão durante a chuva. Foi sugerido o título *Enquanto a chuva não passar*, por simbolizar melhor o tempo suspenso em que os personagens vivem aquela tensão. Todas essas questões relacionadas ao andamento narrativo do meu conto me levaram a refletir profundamente sobre como eu poderia transformar a história como um todo, na tentativa de alcançar uma versão mais próxima de um contentamento íntimo que, por vezes, se assemelha com a perfeição que o escritor tanto almeja. Diante disso, não houve outra alternativa senão ceder ao impulso de escrever mais uma versão, mais um tratamento.

5.5. Trocas

Antes dos comentários recebidos na revisão da antologia *Recortes da (R)existência*²³, eu tinha escrito o sexto tratamento em formato de argumento, criado especificamente para concorrer ao concurso de argumento promovido pelo Grande Prêmio de Roteiro, no qual não fui premiado. Em seguida, elaborei o roteiro baseado nesse argumento, que apresenta, em suas oito páginas e oito cenas, uma descrição mais objetiva e minimalista

²³ Disponível no apêndice.

das ações e dos personagens, mas ainda sem o lirismo que as versões posteriores passariam a explorar²⁴.

Essa versão já incluía a cena da dança como momento íntimo, mas ainda observado pelos outros trabalhadores, com a música *Planeta das Cores*, do Forrozão Tropykália, funcionando como elemento narrativo e contemplativo. Além disso, os diálogos passaram a ser desenvolvidos com maior sutileza, priorizando o subtexto em vez de explicitar todas as emoções.

Após os comentários recebidos na antologia, foram elaboradas novas versões, tanto do conto quanto do roteiro, resultando no sétimo tratamento²⁵, que apresenta a perspectiva de que Antônio e Pedro já mantinham um relacionamento às escondidas. Por um lado, Pedro desejava viver essa história de forma mais livre, enquanto Antônio ainda não conseguia se permitir, mostrando um contraste entre os dois personagens. A dança entre eles seria construída como uma cena onírica, na qual apenas os dois existiriam naquele contexto, funcionando como um momento catártico para a cena subsequente, em que eles vão ao banheiro, se beijam e quase são flagrados por Gilson, que no sexto tratamento intervia com um diálogo expositivo, agora, nessa versão, nada diz, apenas os observam com o olhar. A chuva passaria a ser utilizada de forma mais incisiva, cumprindo sua função de elemento metafórico e transformador, simbolizando a libertação de Antônio. Por fim, o oitavo tratamento²⁶ serviu apenas como um aprimoramento do que estava escrito no sétimo tratamento sem nenhuma mudança considerável.

O crescimento e as transformações que vão dando materialidade ao artefato, que passa a existir, não ocorrem em segundos mágicos, mas ao longo de um percurso de maturação. O tempo do trabalho é o grande sintetizador do processo criador. A concretização da tendência se dá exatamente ao longo desse processo permanente de maturação. (Salles, 1998, p. 32).

As consultorias do NordesteLab tiveram três encontros e foram realizadas por dois profissionais com vasta experiência no setor audiovisual²⁷. Marcelo Lima, doutor em Comunicação, diretor e roteirista de HQs e audiovisual, atuou como consultor criativo. Além

²⁴ Ambos estão disponíveis no apêndice.

²⁵ Disponível no apêndice.

²⁶ Disponível no apêndice.

²⁷ Durante a fase de consultorias do Nordeste Lab, reenviei à produção do laboratório uma nova versão do tratamento do roteiro, para que fosse encaminhada aos consultores.

de Lidiana Reis, produtora, roteirista e mentora de projetos, a quem conheci no Lab_indi, responsável pela consultoria de produção.

Durante as consultorias conduzidas por Marcelo, ele destacou pontos positivos do projeto, como o recorte bem definido, a logística viável de produção, com poucas locações e personagens, e o uso de poucos diálogos, apostando na sutileza e na força da sugestão. Para ele, o curta se diferencia por romper com representações tradicionais de masculinidade no ambiente rural, mostrando dois lavradores expressando afeto com delicadeza, o que se concretiza simbolicamente na cena da dança inspirada no gênero musical, reforçando a ideia de fábula. A chuva foi destacada como elemento simbólico e estrutural, pois não serve apenas de atmosfera, mas cria consequências dramáticas concretas, potencializando o transbordamento afetivo que culmina no beijo.

Marcelo ainda destacou a força da atmosfera sensorial do curta, enfatizando o uso da música como guia emocional e sugerindo que sua menção no *pitching* fosse apresentada como intenção, devido a questões de direitos autorais. Indicou como referência estética a cena de dança de *Se a Rua Beale Falasse* (2018, dirigido e roteirizado por Barry Jenkins), ressaltando o equilíbrio entre lirismo e realidade. Também apontou que a potência do filme está na transição emocional dos personagens, o que exige sofisticação narrativa, construção de personagens secundários por meio de gestos e ações sutis, além de direção de atores focada na gestualidade e no trabalho corporal.

Lidiana Reis avaliou o projeto como amadurecido em relação à versão anterior e interpretou a chuva como força simbólica do desejo dos personagens. Reforçou a viabilidade logística do curta e seu potencial de inserção profissional. Diante das limitações de financiamento estadual, orientou a busca por editais federais e agentes de vendas internacionais voltados para narrativas LGBTQIAPN+. Também abordou a importância de formalização contratual com produtoras, destacando a necessidade de garantir direitos patrimoniais e acordos sobre remuneração e retornos futuros.

No ensaio de *pitching*, definiu-se a divisão das falas entre produção e direção, contemplando apresentação técnica, trajetória do projeto, narrativa, cronograma, estágio de desenvolvimento, viabilidade de produção e orçamento. Lidiana sugeriu que a direção priorizasse a narrativa e enfatizasse o diferencial de uma história LGBTQIAPN+ com desfecho afetivo positivo entre dois lavradores.

É chegado o dia do *pitching*. Para a minha equipe e eu, era muito importante conseguirmos essa seleção, pois almejamos expandir nosso *networking* e, quem sabe, conquistar novas parcerias para a realização do projeto. Tínhamos um total de sete minutos para apresentar o *pitching*, seguindo o roteiro previamente definido, mas já incorporando as alterações sugeridas pela Lidiana. Ao final da apresentação, fomos questionados sobre quais referências tínhamos em mente para construir a estética do filme. Confesso que ainda careço de referências mais aprofundadas que dialoguem com a versão atual do projeto, mas citei algumas que, de certa forma, ainda fazem sentido (como *O Segredo de Brokeback Mountain*, *Tom na fazenda* e *Boi neon*). Percebi que vários projetos apresentados já contavam com orçamento, estrutura consolidada e mais tempo de elaboração. Nós tínhamos uma história interessante, diferente, e acreditávamos muito no potencial dela, mas será que isso seria suficiente para conseguirmos avançar para a fase presencial?

5.6 Cada *pitching* é um *pitching*

Seis projetos foram selecionados. A qualidade narrativa apresentada durante o *pitching* foi tão alta que, pela primeira vez, eles selecionaram um projeto a mais do que o previsto. A cada um dos seis projetos anunciados, eu conseguia, de certa forma, escutar o meu projeto sendo mencionado, o que infelizmente não aconteceu. Ao longo desse projeto, todos os “nãos” recebidos culminaram em evolução, em novas tentativas e tratamentos, ou seja, em uma insistência em conseguir chegar ao estágio final. Não ter sido selecionado deixou toda a equipe triste, mas estamos cientes de que outras oportunidades irão surgir, e isso faz parte do percurso.

Por outro lado, a escrita desse roteiro constituiu-se como um processo profundamente íntimo e vulnerável, no qual a criação se entrelaça com as minhas experiências pessoais, funcionando também como um gesto de elaboração e ressignificação de vivências. Logo, esse processo de escrita constrói-se também a partir da transferência de questões subjetivas para o protagonista Antônio, especialmente no que se refere à repressão, à rotina laboral e às relações familiares, ancoradas em um contexto geográfico e social opressor. A narrativa nasce de questionamentos sucessivos — inicialmente sobre a vivência de um homem gay maduro nesse ambiente e, posteriormente, sobre a possibilidade do afeto e do amor emergirem nesse espaço —, permitindo que o roteiro ganhe camadas, densidade e direção. Ao final, a escolha

por um desfecho mais afirmativo aponta para a abertura de novas possibilidades de existência, nas quais o personagem pode, finalmente, permitir-se viver um romance.

Por isso, compreendo que a narrativa já esteja bem desenvolvida e fico muito realizado com isso, mas ainda falta amadurecer a produção do projeto, especialmente em questões orçamentárias, captação de recursos financeiros, locações e até mesmo na definição da estética do filme. Percebi que todos os projetos selecionados apresentavam um amadurecimento em relação à sua produção, seja no tempo de desenvolvimento, no valor arrecadado, nas parcerias estabelecidas, no cronograma ou no diferencial narrativo. Ou seja, para além da proposta apresentada, havia recursos concretos que possibilitavam que aquele projeto realmente saísse do papel.

Passado o *pitching*, realizamos um último encontro realizado dentro do Nordeste Lab, tivemos a oportunidade de receber um retorno valioso sobre nossa performance no *pitching* em uma conversa com os consultores. Registramos que ficamos bastante satisfeitos com a nossa apresentação, pois sentimos que conseguimos expor a história de forma coesa e interessante, além de trazer informações complementares sobre o filme. Ainda assim, reconhecemos que cada *pitching* é único e demanda nuances específicas, e estamos cientes de que nosso projeto precisa avançar em questões de produção para se tornar viável.

Marcelo destacou que os projetos selecionados demonstraram uma evolução notável, tanto no desenvolvimento narrativo quanto em aspectos relacionados à execução durante o laboratório. Contudo, comentou que *Quando a chuva passar* gerou dúvidas em um dos membros da banca, que questionou se a obra não seria apenas mais uma narrativa centrada na revelação da sexualidade, algo já bastante explorado no mercado, o que poderia torná-la previsível sob certa perspectiva.

Essa colocação foi prontamente discordada pelo próprio Marcelo, assim como por mim, mas me fez refletir sobre a forma de apresentar o projeto em futuros *pitchings*. Acredito que o filme propõe justamente o oposto: a revelação em si importa menos do que a relação sensível, metafórica, humanizada e sensorial construída com os protagonistas antes desse processo de revelação. Marcelo, então, sugeriu reforçar esses elementos mais sutis, além de aprofundar a personificação da chuva como elemento simbólico e estruturante da trama.

Lidiana, por sua vez, observou que, entre todas as apresentações, a nossa foi a que ela mais conseguiu visualizar na tela. Ela destacou que o projeto já alcançou um nível de maturidade que exige passar para a fase de realização, e por isso devemos concentrar esforços

na captação de recursos e na formação de parcerias que assegurem a qualidade do filme. Enfatizou também a importância de montar uma equipe técnica e um elenco preparados para lidar com as nuances do projeto. Para o elenco, sugeriu considerar nomes que já tenham algum reconhecimento, de modo a potencializar a difusão da obra, mas sem perder o vínculo regional, ressaltando que o preparo dos atores será essencial para dar conta das camadas de subtexto presentes na narrativa.

É de extrema importância compreender que, nesse processo de desenvolvimento e submissão de projetos em laboratórios, toda uma estrutura pessoal e profissional se entrelaça. Em alguns momentos, surgem dúvidas sobre a qualidade do que escrevemos e sobre o próprio caminho que estamos trilhando. O mercado audiovisual é, de fato, um espaço competitivo, e nem todos conseguem alcançar um sucesso almejado. Confesso que ainda estou dando pequenos passos para entender como tudo funciona e descobrir de que forma posso avançar a partir do que venho construindo até agora.

Os retornos recebidos ao longo desse percurso, especialmente durante os processos de consultoria e feedback, despertaram em mim uma reflexão mais ampla sobre o que significa realizar um projeto dentro do cinema e do audiovisual brasileiro. As oportunidades são escassas, e nem sempre conseguimos recursos financeiros suficientes para seguir adiante. Foi a partir desse pensamento que comecei a olhar para minha trajetória com outros olhos, questionando não apenas o fazer, mas o próprio sentido de continuar escrevendo. Algumas perguntas passaram a pairar sobre mim: o que significa ser um roteirista quando um projeto não é filmado? Para que serve o roteiro nesse caso? O que se faz com uma história que não se materializa?

A sensação era a de que meu roteiro não seria materializado porque eu já não tinha mais forças físicas ou psicológicas para buscar tantos recursos. A direção não me encantava, as limitações financeiras me desmotivavam e, acima de tudo, eu estava cansado. Então, veio o desânimo. Eu já não sabia se eu queria mais materializar esse roteiro.

Logo, não há movimento possível quando a inércia domina o corpo e a mente anseia por silêncio. Era quase inegociável: eu precisava parar. Talvez isso faça parte do processo criativo, e também de um processo interno de perguntar-se o que fazer diante de tudo isso. O que fazer quando a faculdade termina? Qual caminho seguir? Eram muitas perguntas para uma mente inquieta.

6. O ROTEIRO

6.1. Logline

Em um dia nublado, num bar do interior, após o expediente, um trabalhador rural reprimido enfrenta o próprio desejo ao permitir que um amor silencioso pelo seu colega de trabalho finalmente venha à tona.

6.2. Argumento

Nuvens densas e acinzentadas se acumulam no céu, anunciando uma tempestade iminente. Ainda assim, sob a copa de uma mangueira, cinco lavradores almoçam em silêncio. Sentados no chão, cobertos de gravetos e folhas secas, seguram suas marmitas como se aquele fosse um ritual sagrado. Mantêm certa distância entre si, exceto dois homens que dividem o mesmo tronco como encosto.

ANTÔNIO, 45 anos, é forte, de aparência endurecida pelo trabalho braçal. Mastiga apressado, sempre de olhos baixos. Sua postura revela uma tensão constante, acentuada pela presença de Pedro ao seu lado.

PEDRO, 35 anos, visto pelos colegas como o “boa pinta” mais bonito da turma, mistura rusticidade e delicadeza. Seu olhar curioso, de um negro intenso, pousa sobre a marmita simples de Antônio, e ele oferece um pouco de sua comida. O gesto, mesmo simples, carrega intimidade.

GILSON, 40 anos, um homem parrudo, de cabelos grisalhos, tido como o líder daquele grupo, franze a testa ao observar o comportamento daqueles dois homens que apresentam uma aproximação duvidosa. Esboça um sorrisinho cínico, de canto de boca, ao observar Antônio pegando um pouco da salada de Pedro e colocando em sua marmita. Há julgamento naquele olhar.

Então, Gilson pega uma colher exageradamente cheia de comida e leva à boca. Enquanto mastiga, ainda com a boca cheia, convida a todos para uma ida a um bar depois do expediente. Todos aceitam de imediato, menos Antônio, que hesita, mas é convencido a ir por Pedro.

O bar é simples com mesas e cadeiras de plástico espalhadas. Nesse momento, Antônio e Pedro estão sentados lado a lado. Já os demais funcionários os cercam em clima de confraternização, devido ao fato de Antônio virar uma dose de cachaça goela abaixo. Pedro, já

embriagado, olha para o colega ao mesmo tempo que ele desvia o olhar. Eles são iluminados por um relâmpago.

A música “PLANETA DE CORES” do Forrozão Tropicália toca. Pedro cantarola a música que ouve. Sem nenhum aviso prévio, ele coloca a sua mão na coxa de Antônio, marcando o ritmo da música com leves batidas. Antônio engole seco, os olhos arregalados, enquanto Pedro age normalmente, cantando um verso da música e olhando para o colega, sorrindo, desafiador. O peito de Antônio sobe e desce de forma apressada.

Pedro fala de como essa música mexe com ele, ao que Antônio responde de forma evasiva e monossilábica. Percebendo a hesitação do colega, Pedro desvia o olhar para ele, parando em seu rosto. A troca de olhares é passageira, mas suficiente para gerar um incômodo em Antônio, que desvia o rosto imediatamente.

Novamente, Pedro desafia o colega, que o deixa incomodado. Ele aconselha Antônio a não pensar tanto e deixar as coisas acontecerem naturalmente. Afinal, não há nada de errado no que eles fazem a sós. Enquanto isso, Antônio evita, a todo custo, fazer contato visual com Pedro.

Então, ele se levanta e convida Antônio para dançar. Mesmo hesitante, Antônio aceita. É um momento onírico em que parece que só os dois estão ali presentes. Eles iniciam a dança de modo desordenado. Param. Se olham. Sorriem. Depois recomeçam com mais ritmo e sintonia. Dois pra lá; dois pra cá. Enquanto isso, um relâmpago os ilumina e em seguida, um trovão ecoa no céu. Eles ficam ali dançando por um tempo. Até que Pedro encosta a sua boca no ouvido do colega, convidando-o para ir ao banheiro.

Atrás da porta aberta daquele minúsculo banheiro, Antônio observa Pedro. De costas para ele, Pedro abaixa o zíper da calça e urina. Pedro convida Antônio a entrar no banheiro. Sentindo o desejo pulsar em sua pele, Antônio segura a cintura de Pedro. Suas mãos percorrem o corpo dele. Em seguida, ele vira-o para a sua frente, suas respirações ofegantes entram em sintonia. Mãos deslizam pela camisa, puxando-a. A pele anseia o contato, o toque, o ritmo.

Até que um forte trovão é percebido, interrompendo-os. Em seguida, eles ouvem alguns passos vindo de fora do banheiro. Param imediatamente e tentam disfarçar. Primeiro, Pedro sai do banheiro, meio bêbado, meio arisco. Logo depois vem Antônio, de cabeça baixa. Gilson não fala, além do olhar.

De volta à mesa, ambos estão estáticos, evitam se olharem diretamente. Ao fundo, é

possível ver Gilson cochichando com os outros funcionários do sítio e apontando para os rapazes. Antônio dá mais um gole na sua cerveja quente, que ainda está pela metade. Pedro, com os olhos cerrados, boceja.

De repente uma fina camada de chuva cai do céu. O cheiro de terra molhada invade as narinas dos rapazes. Pedro boceja novamente e novamente. Então ele pede para encostar a sua cabeça no ombro do colega, o que é permitido. Antônio observa os colegas observando eles. Mas decide deixar que o colega permaneça ali.

A chuva se intensifica, tornando-se uma tempestade.

Antônio cochila com o pescoço tombando para frente. Pedro ronca levemente no ombro de Antônio. A chuva cessou. Uma gota de água do teto cai na cabeça de Antônio despertando-o. Ele acorda Pedro. Em seguida encara o seu colega nos olhos. Ao, os outros funcionários aparecem e observam a cena de longe. Então, nesse momento, Antônio toma uma atitude e, sem pensar em nenhuma consequência, ele aproxima a sua boca na boca de Pedro. O beijo é terno, delicado, correspondido. Não havia mais o que temer. Afinal, a chuva havia passado.

FIM.

6.3. Quando a chuva passar

"QUANDO A CHUVA PASSAR"

Um roteiro de

MICAEL SANTOS

IX TRATAMENTO

FADE IN:

1 **EXT. SÍTIO - DIA**

Nuvens densas se aglomeram no céu, formando uma massa cinzenta que cobre o Sol.

CRÉDITOS INICIAIS aparecem sobre a imagem.

2 **EXT. SÍTIO - PÉ DE MANGUEIRA - DIA**

Sob a sombra de uma mangueira frondosa, cinco lavradores sentam-se no chão coberto por gravetos e folhas secas enquanto almoçam, em silêncio, concentrados apenas no ato de engolir o alimento.

Eles mantêm certa distância uns dos outros, exceto dois homens, que se sentam juntos, dividindo o mesmo tronco da árvore como encosto para as suas costas.

ANTÔNIO (45), homem parrudo, barba por fazer, mastiga rapidamente, com os olhos sempre baixos. Suas roupas gastas e sujas revelam o trabalho braçal do dia a dia. A proximidade com o colega ao lado deixa seus ombros tensos.

PEDRO (35), tido como o "boa pinta" do grupo, aparenta ser um homem rústico, másculo, em contraste com uma doçura sutil em seu olhar, de um preto intenso.

Pedro observa a marmitta sem graça, preparada às pressas, pelo colega.

PEDRO

Tenho salada de sobra aqui. Quer um pouco?

GILSON (40), homem parrudo, grisalho, considerado o líder do grupo, franze a testa ao observar o comportamento dos colegas. Um sorrisinho cínico escapa do canto de sua boca ao ver Antônio aceitar a oferta de Pedro.

Gilson enche a colher exageradamente e mastiga com a boca aberta.

GILSON

(ainda mastigando)

Rapaz, tava pensando em beber uma
hoje, bora?

Os demais concordam com entusiasmo. Apenas Antônio não
responde, permanecendo ainda mastigando.

PEDRO

Vai deixar a gente beber sozinho
dessa vez, Antônio?

Antônio lança um olhar ao céu carregado de nuvens.

ANTÔNIO

Eu? É... Não sei, parece que vai
chover, né?

3 **INT. BAR - NOITE**

O bar é simples com mesas e cadeiras de plástico espalhadas
pelo ambiente. Atrás do balcão, um SENHOR de meia idade com a
camisa aberta, está sentado em uma cadeira, deslizando o
indicador na tela do celular.

Antônio e Pedro estão lado a lado. Os demais funcionários os
cercam em clima de confraternização.

Antônio vira uma dose de cachaça de uma só vez, fazendo cara
feia. Os colegas o ovacionam, animados.

Pedro, embriagado, sorri abobalhado. Seu olhar perdido
encontra os olhos de Antônio. Eles se encaram por alguns
segundos.

Um RELÂMPAGO os ilumina.

Antônio, desconcertado, desvia o olhar e fixa os olhos no copo
de cerveja à sua frente.

PEDRO

(voz embolada)

Ô, desce mais uma, ai!

Pedro bate o copo na mesa ao mesmo tempo que ecoa um TROVÃO.

MAIS TARDE:

Mais garrafas vazias se acumulam na mesa. A garrafa de cachaça está quase no fim. Os demais colegas, embriagados, dançam com MULHERES no bar.

Antônio e Pedro permanecem sentados. Por debaixo da mesa, as coxas deles se encostam. Antônio observa disfarçadamente o corpo do colega: os músculos marcados, os pelos do peito à mostra, as coxas volumosas cobertas pela calça suja da terra.

PEDRO

Que é que tá me olhando assim?

ANTÔNIO

Assim como?

PEDRO

Com essa cara de tonto!

Pedro ri. Antônio desvia o olhar, constrangido.

ANTÔNIO

(sem encarar)

Nada!

A música "PLANETA DE CORES", do FORROZÃO TROPYKÁLIA, toca ao fundo.

Pedro cantarola e soluça. Sem aviso, ele pousa a mão na coxa de Antônio, marcando o ritmo da música com leves batidas.

Antônio engole em seco, os olhos arregalados. Pedro continua a cantar um trecho, sorrindo, desafiador.

PEDRO

Essa música me leva para longe.

ANTÔNIO

E é? Pra onde?

PEDRO

Sei lá. Pra um lugar diferente...

(encara Antônio)

tu entende?

Antônio apenas assente, desviando o olhar do colega.

Pedro segura fortemente a coxa de Antônio.

PEDRO

Às vezes eu queria saber o que tanto
tu pensa.

ANTÔNIO

Eu penso demais.

PEDRO

Num já te disse que pensar demais faz
mal pro juízo?

Pedro observa Antônio, que evita contato visual a todo custo.

Antônio toma um gole pequeno de cerveja. Pedro olha em volta:
os colegas seguem entretidos com as mulheres.

De repente, Pedro se levanta e estende a mão para Antônio.

PEDRO

Bora dançar, Toninho, venha!

Antônio permanece estático, olhando o braço estendido.

PEDRO

Venha, macho...

Um RELÂMPAGO os ilumina.

Um TROVÃO ecoa em seguida.

4 **INT. BAR - NOITE (SEQUÊNCIA ONÍRICA)**

Só se ouve "PLANETA DE CORES", do FORROZÃO TROPYKÁLIA.

As cadeiras, as mesas, as vozes desaparecem. O bar, vazio.
Antônio e Pedro estão sozinhos.

Antônio segura a mão de Pedro. Pedro apoia a outra mão na cintura do colega.

Eles dançam, desajeitados. Um vai para a direita, o outro para a esquerda. Trocam de lado e se desencontram de novo.

Param.

Se olham.

Sorriem.

Recomeçam.

Agora, em sintonia.

Lentos.

Direita, esquerda; Esquerda, direita.

Dois pra lá; dois pra cá.

Um RELÂMPAGO os ilumina.

Um TROVÃO ecoa no céu.

Eles ficam ali dançando por algum tempo.

Só eles.

Pedro se inclina no ouvido de Antônio.

PEDRO

Preciso ir no banheiro...

Ele fica parado, encarando Antônio por um tempo.

FIM DA SEQUÊNCIA ONÍRICA.

CORTA PARA:

5 INT. BAR - BANHEIRO - NOITE

Atrás da porta daquele banheiro minúsculo, com azulejos até a metade da parede e bolor nos cantos, Antônio observa Pedro, que está de costas para ele. Pedro abaixa o zíper e urina com urgência. O jato atinge mais a tampa do que o interior do vaso.

Pedro termina, sobe o zíper. Em seguida, olha para o colega.

PEDRO

Venha!

Sem hesitar, Antônio entra abruptamente. Segura a cintura de Pedro.

As mãos de Antônio percorrem o corpo do colega.

Seus dedos grossos deslizam pela cintura de Pedro.

Ele o vira para si.

As respirações se encontram, ofegantes.

As mãos de Antônio puxam a camisa de Pedro para cima revelando parte do seu dorso.

Um FORTE TROVÃO os interrompe.

Eles param um instante e se olham. Pedro acaricia o rosto de Antônio. As bocas deles se inclinam para o beijo...

Então, eles ouvem BARULHOS DE PASSOS do lado de fora.

Eles param imediatamente.

Pedro sai primeiro, meio bêbado, sorriso cínico.

Antônio vem logo atrás, cabeça baixa, receoso.

Gilson encara os dois, desconfiado, franzindo o cenho.

6 **INT. BAR - NOITE**

De volta à mesa, Antônio e Pedro estão estáticos, evitando se encararem. Ao fundo, próximo ao balcão, Gilson cochicha com outros funcionários do sítio, enquanto aponta para eles.

Antônio toma mais um gole tímido de sua cerveja, que ainda não passou da metade do copo.

Pedro, com os olhos cerrados, boceja.

De repente, uma fina camada de CHUVA cai.

Pedro continua bocejando. Em seguida, encosta a cabeça no ombro de Antônio, que se assusta com o gesto.

PEDRO

Toninho? Vou me deitar aqui. Sono da peste!

Antônio apenas balança a cabeça, consentindo. Resmunga algo inaudível.

Antônio não consegue evitar olhar de soslaio para os colegas, que continuam os observando. Ao perceberem o olhar de Antônio, disfarçam.

Pedro permanece com a cabeça apoiada no ombro de Antônio.

De olhos fechados, adormece. Antônio permanece imóvel, observando a chuva cair.

TELA PRETA:

O título do filme surge na tela: "QUANDO A CHUVA PASSAR".

A CHUVA se intensifica.

SOM de TEMPESTADE.

SOM de RAIOS.

SOM de TROVÃO.

Depois, SILÊNCIO.

SOM de PINGOS espaçados.

SOM de SAPOS COAXANDO ao longe.

7 **INT. BAR - NOITE**

Antônio cochila com o pescoço tombado, enquanto Pedro ronca levemente em seu ombro.

Então, uma GOTA D'ÁGUA, vinda do teto, cai sobre a cabeça de Antônio.

Antônio acorda e percebe que a chuva passou ao observar alguns poucos pingos caindo das telhas à sua frente. Por alguns segundos, ele cogita tocar o rosto do colega, fazendo um movimento com as mãos, mas prefere não se arriscar. Então, resolve acordá-lo.

ANTÔNIO

Pedro, acorde. A chuva já passou.

Pedro balbucia algumas palavras inaudíveis e abre os olhos, movimentando a cabeça de um lado para o outro. Depois, ele olha diretamente nos olhos do colega.

Antônio ENCARA Pedro com intensidade. Ao fundo, os outros funcionários observam a cena, de longe.

Nesse momento, Antônio toma atitude e, sem pensar nas consequências, aproxima a sua boca da boca de Pedro.

FADE OUT.

FIM

7. PRÓLOGO

O inverno em Sergipe foi atravessado por um período chuvoso prolongado, quase incessante. Os dias sucediam-se sob um céu permanentemente acinzentado, abafado e repetitivo, instaurando uma atmosfera de melancolia que atravessava minha rotina cotidiana. Reconheço que esse tipo de clima exerce sobre mim um impacto emocional significativo, intensificando sentimentos de melancolia e, até mesmo, ansiedade. Foi nesse contexto que, no início de setembro de 2025, ao concluir o período letivo da graduação, decidi retornar para casa como uma tentativa consciente de apaziguar a mente exausta.

Ao chegar, deparei-me com uma paisagem radicalmente distinta: o céu apresentava-se azul, límpido e luminoso. O sol, ainda que intenso, possuía um frescor capaz de provocar em mim um sorriso espontâneo e, por alguns instantes, suspender a ansiedade acumulada ao longo dos meses anteriores. Diante dessa mudança sensível de clima e de paisagem, compreendi que aquele retorno não se restringia a um deslocamento geográfico apenas, mas configurava-se como um momento oportuno para refletir sobre escolhas pessoais e profissionais. Pela primeira vez, senti que precisava voltar para casa não apenas por afeto ou saudade, mas por uma necessidade concreta de reconexão.

Mato Grosso se apresenta como um lugar singular, marcado por um sotaque forte e melódico e por uma vasta extensão de verde que evidencia a fertilidade da terra. Ali, tudo parece florescer: hortaliças, verduras, flores e, sobretudo, o café, principal atividade econômica da região. A riqueza natural, expressa na fauna e na flora, remete ao encantamento histórico que teria atraído os colonizadores portugueses à região. O senso de coletividade é profundamente consolidado. As relações interpessoais se estruturam a partir de uma lógica comunitária, em que o cumprimento cotidiano assume quase o estatuto de pacto social; a sua ausência pode ser interpretada como sinal de distanciamento ou arrogância. Mato Grosso, assim, preserva virtudes que o tornam único, mas carrega também contradições e limitações que persistem ao longo do tempo.

Figura 3: Fotografia da praça de Mato Grosso, sob o céu nublado.



Fonte: Acervo pessoal.

Apesar dessas camadas históricas e sociais, meu olhar, naquele momento, concentrava-se sobretudo na calma que atravessa o lugar. O ar fresco causava estranhamento às narinas, assim como o frio persistente, consequência da altitude aproximada de 1.040 metros. Em casa, reencontrei o afeto e o conforto de meus pais, ao mesmo tempo em que senti a ausência do meu irmão, recentemente mudado para São Paulo. Algumas estranhezas como essa encontravam apoio na memória.

Com o passar dos dias, tornou-se ainda mais evidente o caráter comunitário da vida naquele povoado. A sensação era a de pertencimento a uma grande família, composta por pessoas que dividem a felicidade na sutileza da rotina. Reconhecidos pelo acolhimento genuíno — por vezes beirando a inocência —, os mato-grossenses são frequentemente descritos como um povo simples, afetuoso e solidário. No entanto, o Distrito atravessa um processo de envelhecimento populacional. Os jovens, em busca de melhores oportunidades,

migram para a vida urbana, geralmente o sudeste, uma vez que, apesar da forte cultura ligada à agricultura familiar, há escassez de alternativas de trabalho que sustentam a permanência da juventude para além da lida na roça.

A ausência de jovens contribui para tornar o lugar ainda mais silencioso e desprovido de opções de lazer mais intensas, sobretudo para alguém como eu, habituado à dinâmica urbana. Ainda assim, essa condição não despertava em mim o desejo de partir. Pelo contrário: sentia vontade de permanecer. Tanto que, embora minha volta para Sergipe estivesse inicialmente prevista para um mês após a chegada, acabei estendendo minha permanência por dois meses.

Foi nesse intervalo que percebi uma mudança significativa em mim mesmo. Algo, dessa vez, parecia diferente. Compreendi que havia feito as pazes com aquele lugar. Já não me sentia deslocado ou solitário. A necessidade de acolhimento em um período de incertezas foi o que me motivou a permanecer, e a permanecer integralmente. Reconheço, nesse processo, um movimento de amadurecimento diante da minha realidade, da minha história e de quem venho me tornando.

Às vésperas da partida, o longo período de estiagem finalmente chegava ao fim. O céu, antes aberto e azul, foi gradualmente tomado por nuvens densas e cinzentas. Durante a primeira tempestade, o som da chuva batendo no telhado produzia uma sensação simultânea de relaxamento. Trovões, relâmpagos e o cheiro característico da terra molhada compunham a paisagem sensorial. Essa chuva, aguardada por todos e conhecida como o “Tempo das Águas”, marca o início do período de chuvas intensas, coincidente com a floração dos cafezais. A água remove as flores murchas e viabiliza o processo de adubação, assegurando a continuidade do ciclo produtivo. Foi sob esse cenário que me despedi, deixando a chuva no céu e as lágrimas nos olhos.

A chuva também acompanhou o trajeto de retorno para Sergipe. Foi durante esse deslocamento que recebi uma notícia particularmente significativa. Meses antes, eu havia me inscrito em um concurso de roteiros promovido pelo Roteiros e Narrativas, voltado à premiação de projetos nas categorias de curta, longa e piloto de série. Eu já tinha conhecimento de que meu projeto figurava entre os dez finalistas, o que, por si só, representava uma conquista expressiva. Ainda assim, mantinha expectativas moderadas,

sobretudo em razão de experiências anteriores, como a seleção como suplente no MetrôLab²⁸, laboratório de desenvolvimento de curtas-metragens realizado durante a 8ª edição do Metrô: Festival do Cinema Brasileiro Universitário, em Curitiba.

Diferentemente dessas experiências anteriores, desta vez fui anunciado como vencedor do concurso da ReN. O resultado ressoou como um reconhecimento legítimo do processo de amadurecimento e do trabalho contínuo de escrita e reescrita desse projeto. Além da premiação em dinheiro, troféu e materiais institucionais, serei contemplado com uma consultoria on-line, com possibilidade de escolha entre as áreas de carreira para roteiristas e/ou diretores ou negociação de projetos com produtoras. Também terei acesso a um curso completo de roteiro promovido pela instituição, bem como a um processo de agenciamento pela agência ReN.

Adicionalmente, poderei participar de uma rodada de negócios, integrando encontros com profissionais interessados em projetos que dialoguem com suas propostas criativas. Por fim, terei acesso a uma consultoria com a Colateral Filmes, voltada ao alinhamento das minhas ideias ao potencial de desenvolvimento junto à produtora, consolidando, assim, mais uma etapa significativa do meu percurso formativo e criativo.

O resultado alcançado pelo IX tratamento do roteiro está diretamente relacionado a pequenas, porém significativas, modificações realizadas após a consultoria com a Colateral Filmes. As devolutivas recebidas, acompanhadas de elogios por parte dos sócios da produtora, foram determinantes para que eu compreendesse que o projeto se encontra, neste momento, suficientemente maduro para avançar à etapa de realização. Reconheço, nessa versão, um texto coerente com os objetivos que se propõe a alcançar, sustentado por personagens simples e diretos, cenas enxutas e estritamente necessárias ao desenvolvimento da narrativa. Assumo, inclusive, que esta é a versão que mais se aproxima daquilo que, desde o início, eu estava disposto a contar, mesmo que de forma inconsciente.

Ao longo de toda essa jornada, tornou-se evidente o modo como a história foi gradualmente se revelando para mim. As sínteses estabelecidas a cada etapa do processo foram indicando, com maior nitidez, o cerne da narrativa. Mesmo diante da possibilidade de o roteiro não vir a ser realizado, sinto-me plenamente satisfeito com o percurso trilhado até aqui. Há, nesse processo, uma sensação legítima de dever cumprido, marcada por um intenso

²⁸O tratamento selecionado como suplente correspondia à quinta versão do roteiro, enquanto o premiado no concurso da ReN referia-se ao oitavo tratamento.

período de aprendizado e por trocas significativas que contribuíram de forma decisiva para o meu amadurecimento enquanto roteirista e, igualmente, enquanto sujeito.

Mais do que isso, reconheço e valorizo a minha própria trajetória pessoal inserida no contexto geográfico e social em que nasci. Nessa última estadia em Mato Grosso, pude visitar o lugar não apenas como um território atravessado por um passado histórico de repressão, mas também como um espaço constitutivo da minha memória e da minha formação. Esse retorno me possibilitou um entendimento mais amadurecido de que, independentemente das configurações sociais que se apresentam, carrego comigo a convicção de quem fui — e a consciência de que isso não altera quem sou hoje. O Micael do passado, enfim, fez as pazes com o Micael do presente, assim como Antônio, personagem central do roteiro, rompe um ciclo de repressão ao beijar outro homem diante de seus colegas de trabalho.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEITOSA, Cleiton; SILVA, Elder Luan dos Santos; ZACARIAS, Vinícius Santos da Silva. Reflexões críticas da mesa “Ser gay de interior”: vivências, existências e resistências político-afetivas. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 6, n. 2, p. 310–332, 2020.

FER, Ester Marçal. O processo criativo do roteiro de *Los Silencios*: uma aproximação. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 4, n. 2, p. 172–187, 2020.

SALLES, Cecília A. **Arquivos de criação – arte e curadoria**. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2010.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 1998.

SALLES, Cecília Almeida. Redes da criação. **Manuscrita: Revista de Crítica Genética**, n. 11, p. 83–106, 2003.

APÊNDICE

APÊNDICE I – Segue o QR²⁹ Code com todos os tratamentos resultantes do processo criativo do curta *Quando a Chuva Passar*.



²⁹ Também encontra-se disponível no link:

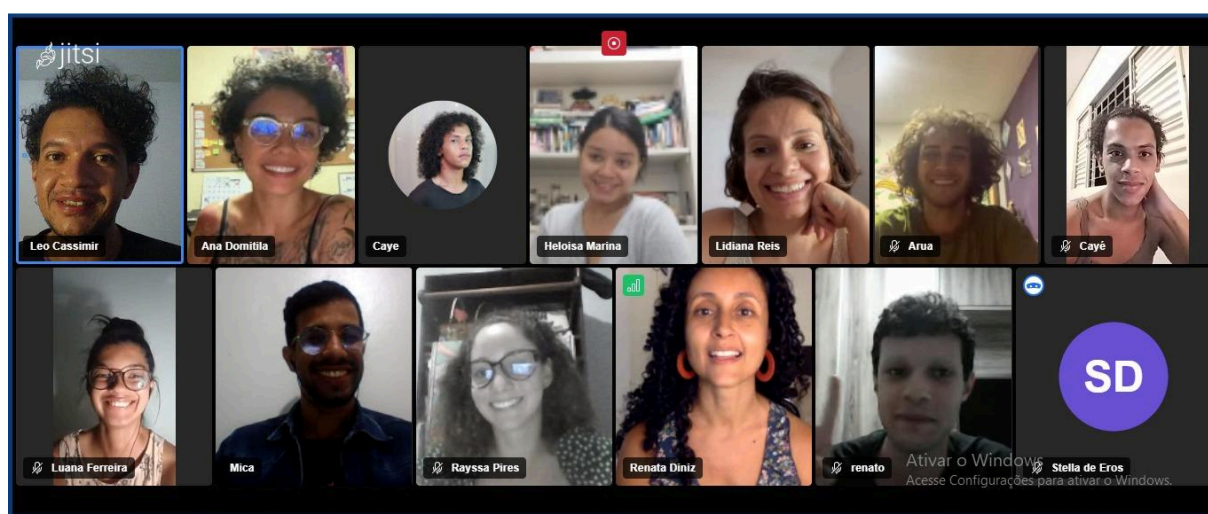
<https://drive.google.com/drive/folders/1UicRSb7gqEWMPS20yu2D62VtofXqwVms?usp=sharing>

ANEXO

ANEXO 1: Registros fotográficos das oportunidades realizadas durante o processo de escrita do roteiro.

LABORATÓRIO DE ROTEIRO: LABINDI, (2024)

Figura 1: Encontro virtual de reunião do Labindi



Fonte: Acervo do Labind, 2024

LABORATÓRIO DE ROTEIRO LABQUEER, (2024)

Figura 2: Momento de descontração entre participantes selecionados e equipe do LabQueer durante atividade do laboratório.



Fonte: Acervo do LabQueer, 2024.

Figura 3 – Momento de preparação para o pitching do projeto durante o LabQueer.



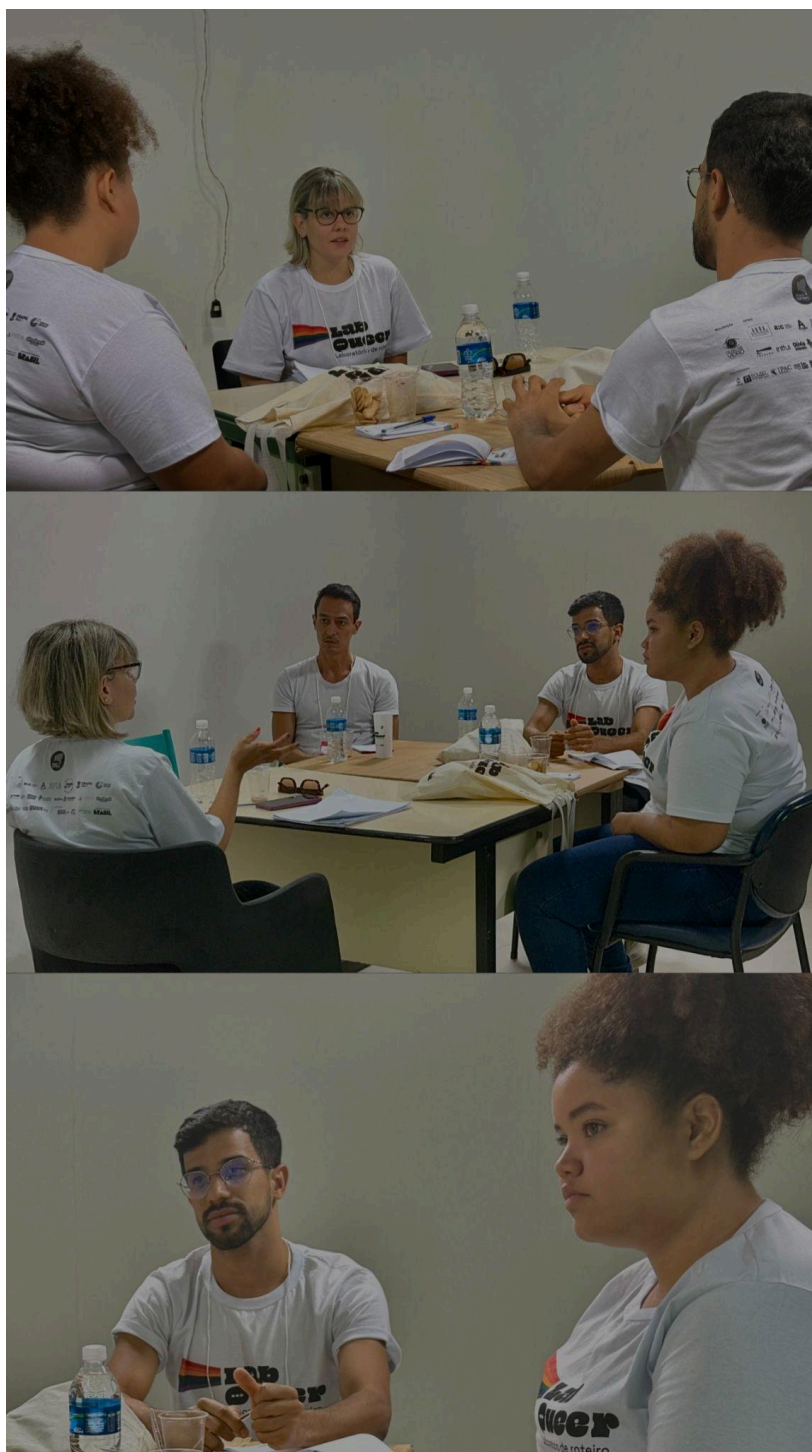
Fonte: Acervo do LabQueer, 2024.

Figura 4 – Momento de apresentação do pitching do projeto pelo autor em atividade formativa do LabQueer.



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Figura 5 – Momento de consultoria de roteiro com o autor e outros participantes durante atividade do LabQueer.



Fonte: Acervo LabQueer, 2024

GRUPO DE DESENVOLVIMENTO DE ROTEIRO DO MARIETA (2024)

Figura 6: Encontro virtual de reunião do Marieta.



Fonte: Acervo do Marieta, 2024.

MOSTRA DE LITERATURA PROMOVIDA PELA 14ª BIENAL DA UNE, (2025)

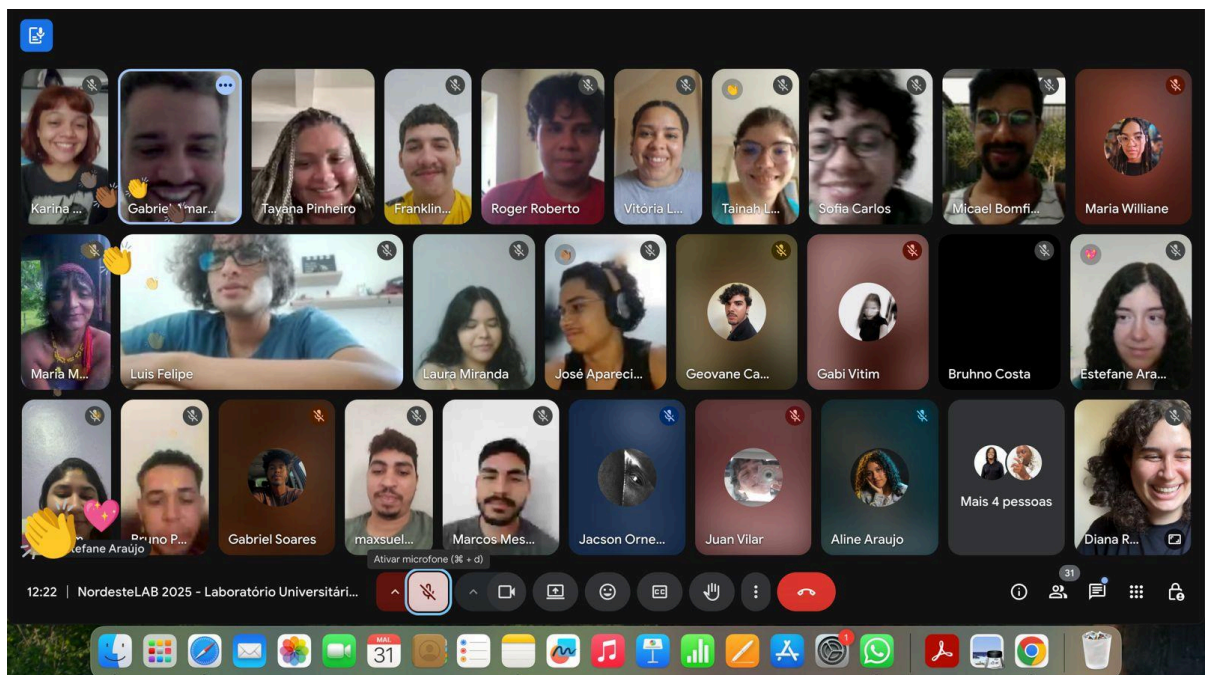
Figura 7 – Apresentação da antologia *Palavra é Como Fogo*, que reúne o conto adaptado a partir de versão do roteiro do autor.



Fonte: Acervo da Mostra de Literatura, 2025.

LABORATÓRIO DE ROTEIRO DE CURTA UNIVERSITÁRIO DO NORDESTELAB, (2025)

Figura 8: Encontro virtual de reunião do NordesteLab.



Fonte: Acervo do NordesteLab, 2025.

PREMIAÇÃO DO CONCURSO DE ROTEIRO DO ROTEIROS E NARRATIVAS, (2025)

Figura 9: Autor com o prêmio de Melhor Roteiro de Curta-Metragem por *Quando a Chuva Passar*, concedido pelo Roteiros e Narrativas



Fonte: Acervo pessoal, 2026.